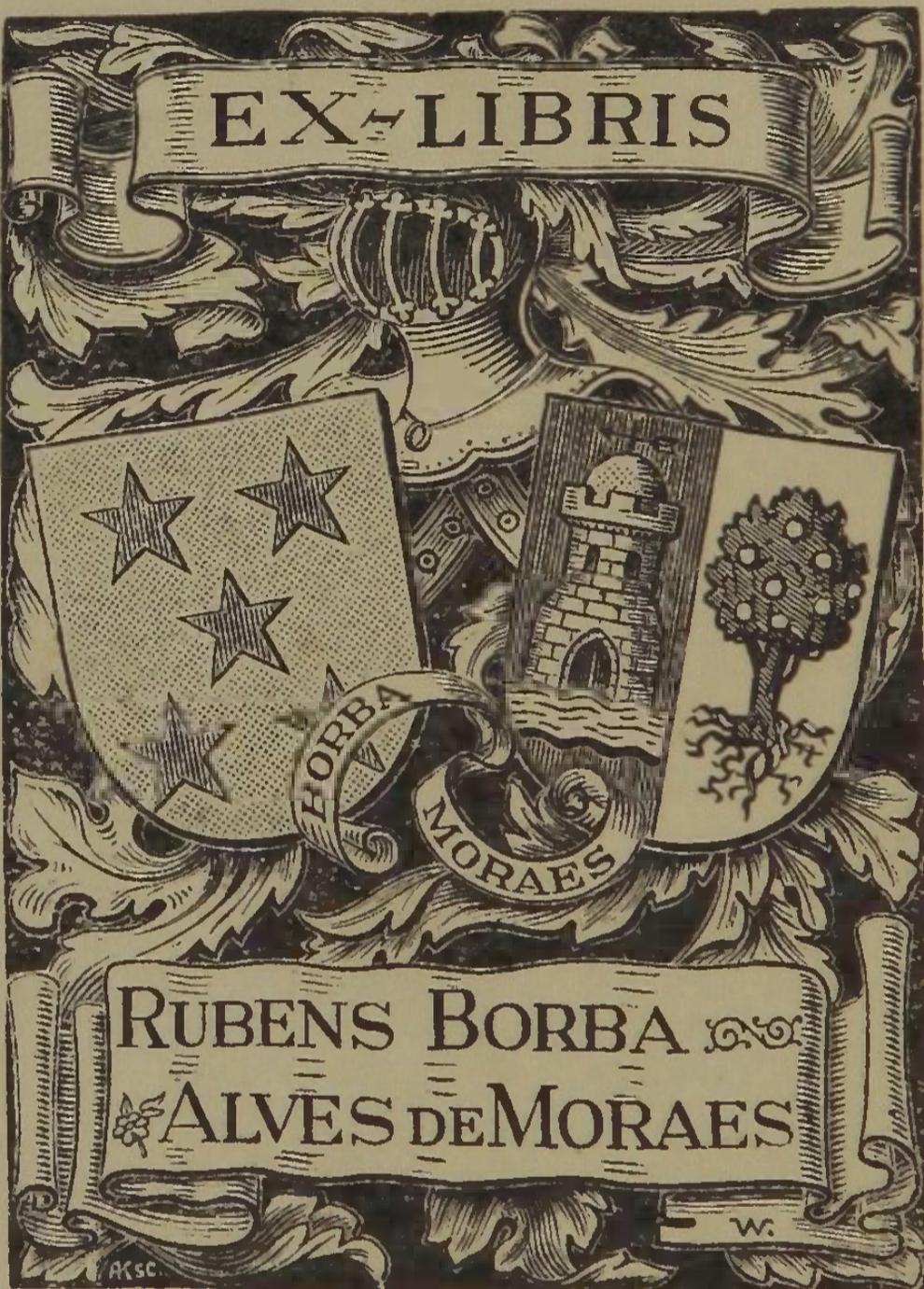


EX LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

AKSC

W.

Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Este autor é, *Manoel José de Freitas*.

Manoel José de Freitas o mesmo do

"Compendio de grammatica
ca ingleza e portugueza."
impresso pela Imp. Regia
do Rio, 1820 com o nome
de Manoel José de Freitas.

LISBOA.

Este Livro foi comprado em caza de F. B. O.
de M. = o Méchas = na Travessa dos Romula-
res N. 8 A, junto ao Caes do Sodré; onde tam-
bem compra, vende, e troca Livros de todas
as qualidades; assim como tambem vende tudo
quanto he necessario para uzo de hum Escritorio
de Commercio.

In. 5/429

Etiqueta do
Junho do alfarrabista
Mechas.

LEITURA

INSTRUCTIVA E RECREATIVA,

OU

IDEAS SENTIMENTAES:

Sobre a Faculdade do Entendimento,

Commúnmente chamada *GOSTO,*

Em conhecer as Perfeições, e Imperfeições

DE QUALQUER OBJECTO,

NA NATUREZA, OU ARTE.



EXTRAHIDO LIVREMENTE DO INGLEZ,

POR

MANOEL DE FREITAS BRAZILEIRO.



LIVERPOOL,

IMPRESSO PARA O TRADUCTOR,

Por J. LANG, Corner of Drury Lane, Water Street.



1813.

A OS LEITORES.

TODOS sabem que ninguem pode chegar à perfeição (se tanto podemos dizer) da Arte ou Sciencia que professa, sem dar longo tempo para o conhecimento della; e tanto mais cada-um se exercita, quanto mais *gosto e percepção* adquire em discernir suas bellezas e imperfeições. Para este gosto e percepção, não hé bastante o tempo de practica, empregado no mecanismo da Arte ou Sciencia; hé tambem necessaria a theoria de suas regras estabelecidas por *palavras*; e estas são as que habilitam o homem a fallar propriamente na sua profissão, ou ainda em outros assumptos.

SÃO tantos os milhares de objectos que se prezentam à nossa vista desde nossa infancia, e tantas mais as ideas imperfeitas de nossas imaginações, que pela falta de conhecimento, e ainda de palavras, não somos habéis a exprimir muitas vezes o que sentimos ou imaginamos. O uzo de fallar, por exemplo, ler e escrever, hé tido por cousa bem trivial entre muitos; quando ao contrario, as palavras, ou caractéres uniformes e commúns, representam e exprimem vivamente aquillo mesmo que o homem vê, ouve, e sente.

E como seremos nós habéis a pensar, e a conhecer a natureza de objectos, se não dermos attenção, nem indagarmos suas qualidades, e propriedades, estejam elles em vulto, pintura, ou representados por palavras?

UMA hora de leitura, tomada com attenção, hé sem duvida tão util e necessaria para cultivação do nosso entendimento, em qualquer materia, como hé saudavel um passeio para campos, quintas, ou beira-mar, onde a Natureza e Arte nos apprezentam, à cada passo, objectos bem instructivos, e de reflexão tocante; igualmente como encontramos em leituras sentimentaes, e de bom gosto.

A invenção de escripta hé certamente a arte mais nobre e mais humana, que o racional pôde descobrir para comunicar seus pensamentos, e aperfeiçoar suas ideas; e por este meio hé que nos-habilitamos a dilatar nossa percepção, e conhecer as propriedades dos objectos; a cujo conhecimento, geralmente chamamos *Gosto*.

SE este livreto, pelo que pertence à Faculdade do entendimento, em attender e reflectir sobre objectos, para conhecer suas bellezas e imperfeições, for capaz de excitar a curiosidade, ou sensibilidade dos meus leitores, com descrições tão naturaes às sensações humanas; estou certo que me-habilitarão a continuar com assumptos tão sublimes, em toda a ordem da Natureza, que penso será impossivel deixarem de lhes-excitar sentimentos os mais genuinos, se quizerem dedicar tempo à uma Recreação instructiva e sentimental.

SENDO este o meu Objecto designado, peço aos meus leitores a sua benignidade e protecção para o fim à que me proponho.

‘*Quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non.*’——

Horatius.

O que hé formoso, o que hé deforme, o que hé util, o que não hé.—

EXTRACTO I.

GRACIANO muitas vezes recommenda o *Bom Gosto*, como a ultima perfeição de uma pessoa completa. E porque esta palavra, bom gosto, hé amiudada em conversação, eu me empenharei a dar alguma relação della, e regras pelas quaes possamos conhecer se possuimos este dom, e como podemos adquirir o Bom Gosto em escrever, de que tanto fallam entre o mundo polido.

A maior parte das Linguas uza desta metáphora, para expressar aquella faculdade do entendimento, que distingue as mais occultas faltas, e as mais delicadas perfeições em escripta; ou ainda em architectura, pintura, &c. Estamos certos que esta metaphora não haveria sido tão geral em todas as Linguas, se não houvesse grande conformidade entre aquella *Gosto mental*, que hé o assumpto deste papel; e aquella *Gosto sensitivo* de toda sorte de sabôres que affectam o paladar.

Um homem, de Gosto refinado em escripta, não sómente discerne as bellezas e imperfeições geraes de um autor, mas tambem descobre os seus diversos modos de pensar e expressar-se, com que se distingue dos outros autores.— Sendo isto assim, a respeito do Bom Gosto em escrever, e da metaphora uzada; definirei ser — ‘*Aquella Faculdade d'alma, que discerne as bellezas de um autor com prazer, e as imperfeições, com desprazer.*’ Esta faculdade, inda

assim, deve de alguma forma nascer com nosco; porque há diversos methodos de cultivar e augmentala; e sem os quaes, será muito incerta, e de pequeno uzo à aquelle que a possûe. O methodo mais natural para este fim, hé ser versado nos escriptos dos autores mais polidos. Um homem que tem prazer e satisfação em ler boa composiçaõ, ou descobre nella novas bellezas, ou recebe impressoens mais fortes dos traços tocantes de um grande autor, todas as vezes que o lê.

CONVERSAÇÃO com pessoas de genio polido, hé outro methodo para augmentar este Gosto ou Faculdade mental. Similhanamente hé necessario ser versado nas composiçoens dos melhores criticos, assim antigos como modernos.

Sobre os Prazeres da Imaginação.

A nossa vista hé dos nossos sentidos corpóreos o mais perfeito e o mais delectavel. Ella enche o entendimento de grande variedade de idéas, conversa com os objectos na maior distancia; e assim continûa por longo tempo, sem cansar ou saciar-se de gôzo. O sentido palpavel pode dar-nos noção de extensaõ, forma, e das outras idéas recebidas pela vista excepto côres; porém ao mesmo tempo hé muito limitada em suas operaçoens; isto hé, ao numero, grandeza, e distancia de seus particulares objectos. A nossa vista porém hé designada para supprir todos estes defeitos, e pode se considerada como o mais delicado e diffuzivo genero de Toque, que se-espalha por infinita multidaõ de corpos, comprehende as maiores figuras, e traz ao nosso alcance as partes mais remotas do Universo.

ESTE hé o sentido que bastece a imaginação de suas ideas; de sorte que, por prazeres da *imaginação* ou *fantasia*, penso neste sentido, serem aquelles que procedem de objectos viziveis, seja quando os temos actualmente em

vista, ou quando os trazemos aos nossos entendimentos, por pinturas, estatuas, descripçoens, ou cousa similhante. Nõs certamente não podemos ter uma sã imagem ou figura na fantazia, sem que ella entrasse primeiramente pela vista; mas temos o poder de reter, alterar e compôr aquellas, que uma vez recebemos em todas as variedades de pintura e vizaõ, as quaes são as mais agradaveis à imaginaçaõ; pois por esta faculdade, uma pessoa, ainda encerrada em obscuridaõ, hé capaz de interter-se com scenas e prospectos de paizes os mais formosos.

PELOS prazeres da imaginaçaõ, penso sõmente aquelles que procedem do Vêr; e divido estes em dous generos; isto hé: Prazeres primarios da Imaginaçaõ, aquelles que inteiramente procedem de objectos diante dos nossos olhos; e Prazeres secundarios, aquelles que depois das ideas dos objectos, não diante dos olhos, vem à nossa memoria, e formam agradaveis vizoens de cousas auzentes ou ficticias.

Os Prazeres da Imaginaçaõ, tomados em toda sua extensaõ, são menos impuros que os do sentido, mas não taõ delicados como os do entendimento. Estes são na verdade mais preferiveis, por serem fundados em novo conhecimento, no entendimento do homem; com tudo devemos dizer, que os prazeres da imaginaçaõ são taõ grandes e taõ elevados como aquelles do entendimento. Um formoso prospecto deleita a alma tanto, como uma demonstraçaõ; assim como uma descripçaõ em Homero tem encantado mais leitores, que um capitulo em Aristóteles. Além disto, os prazeres da imaginaçaõ tem mais uma vantagem sobre os do entendimento, que hé, o serem mais faceis de se adquirir: não há mais que abrir os olhos, e entrar a scena. As cõres pintam-se na fantazia com bem pequena attençaõ de pensamento no védor. Nõs somos tocados, não sabemos como, com a symmetria de qualquer cousa que vemos, e imme-

diatamente assentimos à formozura, ou ainda à fealdade do objecto; sem inquirir as causas particulares e occasioens deste toque.

UMA pessoa de imaginação polida se conduz à muitos prazeres, que o commún do povo não hé capaz de receber: Conversa com uma pintura, e acha em uma estatua agradável companhia; encontra prazer em uma descripção, e muitas vezes sente maior satisfação no prospecto de campos e prados cultivados, do que outro que os possúe. Isto lhe-dá um genero de propriedade em tudo que vê, e faz com que os mais tôscos objectos da Natureza lhe administrem prazeres; de sorte que, sua imaginação polida ólha sobre o mundo, como se este estivesse em outra Luz, e descobre nelle multidaõ de encantos, que se occultam da generalidade dos homens.

PODERIAMOS aqui accrescentar, que os prazeres da fantasia são mais conduciveis à saude, do que aquelles do entendimento, os quaes são exercitados pela força de pensar, e attendidos com violento trabalho do cérebro. Scenas delectaveis, sejam na Natureza, Pintura, ou Poesia, tem benigna influencia sobre o corpo, como igualmente sobre o entendimento; e não somente servem para illustrar a imaginação, mas tambem para espalhar tristeza e melancholia, e pôr os espiritos animaes em alegres e agradaveis moçoens.

Origem dos Prazeres da Imaginação.

PRIMEIRAMENTE considerarei aquelles prazeres da imaginação, que nascem da vista actual e da examinação de objectos exteriores; e penso que todos elles procedem da vista do que hé *Grande*, *Naõ-commún*, ou *Bello*. Nesta examinação pôde sem duvida haver alguma cousa tão terrivel ou offensiva, que o horror ou desprazer de um objecto talvez reprima o prazer da sua *Grandexa*, *Novidade*, ou

Belleza; mas inda assim, ali haverá uma mixtura de prazer e desprazer; pois, qualquer destas tres qualificaçoens hé bem prevalecente.

Por *Grandexa*, não sómente penso o vulto ou massiço de qualquer objecto, mas tambem a largueza de toda a vista, considerada a peça ao todo. Taes são os prospectos de um Campo desembaraçado, de um vasto Dezerto, de Montanhas escabrosas, altos Rochedos e precipicios, ou espaçoso Lago d'agoas; onde, não hé a novidade ou belleza da vista a que nos-toca, mas sim aquelle rude genero de magnificencia que apparece e se mostra em muitas destas estupendas Obras da Natureza. A nossa imaginaçãõ, pela sua capacidade, ama comprehender e abarcar objectos os mais vastos. Nõs nos-rebatamos com agradavel admiraçãõ, à vista de cousas taes sem limites, e sentimos deleitavel serenidade, como pasmo n'alma, com a apprehensãõ de sua grandeza. O entendimento do homem naturalmente desama ver objectos em ponto pequeno, poisque a vista està como encerrada nos seus abreviados limites. Pelo contrario, o espaçoso Orizonte hé uma Imagem de liberdade, onde os olhos tem lugar immenso para se-alargarem, e se-perderem na variedade de objectos que se-offerecem à sua observaçãõ. Prospectos desta natureza são taõ agradaveis à Phantazia, como as especulaçoens de Eternidade ao entendimento. E se nelles houver uma Belleza ou Raridade unida à sua Grandeza, como acontece no Oceano, quando perturbado; ou de outra forma, quando o Ceo està adornado de Estrelas e Meteóros; ou tambem extensivos paizes, intercortados de rios, florestas, rochedos, e prados; o prazer entãõ se augmenta ainda mais sobre nõs, porque este não procede de um sãõ principio.

Tudo que hé Novo ou *Raro*, excita prazer na imaginaçãõ, porque enche a alma de alegria, gratifica sua curio-

sidade, e, lhe dá uma idéa do que antes não possuía. Esta *Novidade* ou *Raridade* contribûe a variar a vida humana, e a divertir nossos entendimentos por algum tempo, com a estranheza da sua apparição; ella nos-serve de refresco em certo modo, e nos-tira daquella saciedade que temos nos nossos intertenimentos usuaes. Ella hé, similhantemente, a que augmenta aquillo que hé grande ou bello, e dá prazer dobrado ao entendimento. Grutas, passeios de arvoredos, campos, e prados, são em todas as Estaçoens do anno agradaveis à vista; mas não tanto assim, como ao principio da Primavera, quando tudo se-renova, tomando seu primeiro ornato; e quando os olhos não estão ainda familiarizados a este. Por esta razão, não há cousa que mais vivifique um prospecto, como são rios, fontes, xafarizes, e cascatas d'agua, onde a scena com perenidade se-reveste, e intertém a vista à todo momento, pela affluencia do elemento que a adorna; e cujo movimento continuo, vai ao mesmo tempo fugindo dos olhos do vedór, que agitados, acham sempre cousa nova nos objectos.

BELLEZA tem o poder de dirigir-se à alma, e immediatamente diffundir satisfação e complacencia por meio da imaginação, completando qualquer cousa que hé grande e fóra do commún. A primeira vista ou descoberta da Belleza toca o entendimento com prazer interno, e infunde uma alegria e deleite por todas as suas faculdades. Achamos por experiencia, que há diversas modificaçoens de belleza, ou deformidade em objectos, as quaes o entendimento, sem prévia consideração, logo à primeira vista julga serem bellas, ou deformes. Nõs vemos que todas as especies de sêres sensiveis tem suas differentes noçoens de belleza, e que cada um delles se-affecta com as bellezas do seu proprio genero. Isto hé bem notavel em todos os animaes, e maiormente nos passaros, respectivamente à forma e proporção

da sua mesma especie, em que sempre vemos distinctamente a differença de tinctura nas pennas do maxo, como tambem outras particularidades que distinguem a femea; pelas quaes ambos os generos se affectam com reciprocidade.

DEVEMOS considerar um segundo genero de belleza que achamos nas diversas producçoens da Arte e da Natureza, a qual não affecta a imaginação com aquelle calor e violencia, como a belleza que vemos na nossa mesma especie; com tudo, ella concorre a excitar em nós um deleite secreto, e um genero de ternura para com os lugares ou objectos em que descobrimos aquelloutra. Isto consiste, ou seja na alegria ou variedade de côres, na symmetria e proporção de partes, no arrançamento e disposição de corpos; ou na justa mixtura e concorrência do todo. Entre estes diversos generos de belleza, os olhos se-deleitam mais em côres. Não há mais gloriosa nem mais tocante vista na Natureza, como a que vemos nos Ceos, ao sahir e ao recolher do Sol, onde observamos infinita variedade de côres, e differentes refraççoens de luz por entre nuvens, conforme suas situaçoens. Similhanamente, quando o Inverno vai dando lugar à Primavera, e por esta alternativa fazendo-se o tempo mudavel com ventos e aguaceiros, se levantam castellos e montanhas de nuvens, interpostas e sobrepostas umas ás outras, que pela refraçção dos rayos do Sol, segundo suas posiçoens, vémos como em natureza, montes cobertos de neve, e matizados de côres. Hé talvez por esta razão, que os poetas sempre se-dirigem à Imaginação, tomando das côres os seus epithetos, mais que de outro qualquer principio.

ASSIM como a phantazia se-deleita com o objecto que hé grande, raro, ou bello, e tanto mais se agrada, quanto mais acha destas perfeiçoens no mesmo objecto; assim tambem ella hé capaz de receber nova satisfação pela assis-

tencia de outro sentido corpóreo. Por tanto, um som continuado, como por exemplo o canto dos pássaros, ou a cahida d'agua de cascatta, desperta á cada instante o entendimento do vedor, e o faz mais attentivo às diversas bellezas do lugar que está à sua vista. Consequentemente, se alli há fragrancia de flores e fructos, esta exalta os prazeres da imaginação, e faz que as côres e a verdura do paíz, jardim, ou pomar, sejam ainda mais agradaveis; porque as idéas destes dous sentidos se únem, e mais interessam ao entendimento, do que quando separadas.

Causa occulta do Praxer da Imaginação.

DEVEMOS confessar, não obstante o que havemos dicto antes, que hé impossivel fixar a causa necessaria deste praxer; porque nem conhecemos a natureza de uma idéa, nem a substancia da alma humana, para podermos descobrir a conformidade, ou contrariedade, de uma para com outra; e pela falta deste conhecimento, em espiculaçoens desta natureza, o que devemos fazer hé, reflectir sobre as operaçoens mais agradaveis d'alma, e arranjar, debaixo de principios, o que hé agradavel ou desagradavel ao entendimento, sem podermos delinear as causas necessarias e efficientes, dónde procede o praxer ou despraxer.

CAUSAS finaes são mais simples e claras à nossa observação, porque nellas há muitas vezes grande variedade que pertence ao mesmo effeito; e aindaque estas não sejam tão satisfactorias, são geralmente mais uteis que as outras, porque nos-daõ maior occasião de admirar a Bondade e Sabedoria do primeiro Autor.

UMA das causas finaes de nossa alegria e praxer, em qualquer cousa que tem a qualidade de *grande*, talvez seja esta. O supremo Autor da nossa existencia formou a alma do homem, paraque só elle fosse a sua ultima, adequada, e

propria felicidade. Poisque por esta razão, grande parte de nossa felicidade nasce da contemplação do seu SER; para-que elle dêsse às nossas almas o justo deleite desta contemplação, formou-as naturalmente capazes de se deleitarem na apprehensão do que hé grande sem limite; do que hé novo e raro, e do que hé bello ou agradável. E finalmente, elle formou tal infinidade de objectos em toda a ordem da Natureza, que hé impossivel olharmos com indifferença para obras tão maravilhosas, e as contemplar sem complacencia e admiração, pela belleza e ornamento de luz e côres com que se mostram á nossa vista.

Natureza, e Arte.

SE considerarmos as obras da *Natureza*, e da *Arte*, como ellas são qualificadas à interter a imaginação, veremos as da segunda defeituosas, em comparação às da primeira; pois inda que algumas vezes pareçam formosas ou estranhas à vista, ellas não podem ter em si aquella vastidão capaz de interter o entendimento do 'spectador. As obras da *Arte* podem ser tão polidas e delicadas como as da *Natureza*; mas nunca se-mostraraõ tão augustas e magnificas no desenho, poisque do vivo ao pintado, há grande differença. Nos rasgos ou producções da *Natureza*, não estudiosa, vemos cousas mais suberbas e magistraes, do que nos delicados toques e floreios da *Arte*. As bellezas do mais pomposo jardim ou palacio são dispostas ainda em estreito compasso; a nossa imaginação corre de uma vez o todo, e requer alguma cousa mais, que lhe gratifique: porém, nos vastos campos da *Natureza*, a vista não acha dimensões, e se-nutre com a infinita variedade de imagens, sem numero ou limites. Hé por isto, que vemos o poeta sempre affeioado à vida do campo, onde a *Natureza* se-mostra na maior perfeição, e representa todas as scenas as mais condu-

centes ao deleite da imaginação. Hé nas obras da Natureza que achamos tanto mais prazer, quanto mais ellas se parecem com as da Arte, sua imitadora: nós nos-deleitamos, com tudo, em comparar e observar as bellezas de ambas, e representalas no entendimento, como copias ou originaes. Daqui procede o deleite que temos em um prospecto bem desenhado, e diversificado de campinas, prados, bosques e rios; como tamhem naquelles paizes accidentaes, achados nas véas do mármore, ou outra substancia, onde a Natureza nos representa a forma de arvores, de nuvens, cidades, &c.; igualmente na grande e curiosa obra de rochedos, gruttas ou cavernas; e finalmente, em qualquer outra cousa, onde a variedade ou regularidade parece effeito de designio à que chamamos obras do acaso; quando tudo isto, e quaesquer outros effeitos, tem por leys de natureza suas causas primarias.

SE as producçoens da Natureza tem a mesma valia, conforme mais ou menos similhança às da Arte, estamos certos que as obras artificiaes recebem maior vantagem, pela similhança às da Natureza; porque esta parecença não sómente agrada, mas tambem o modello hé mais perfeito. O paiz mais formoso que tenho visto, (diz o autor,) foi um, desenhado nas paredes de uma camera obscura, que de um lado ficava opposta à um rio navegavel, e de outro á um parque. O experimento he bem commún na Optica. Deste lado viaõ-se as ondas e a fluctuação d'agua em vivas e proprias cores, com a pintura de uma embarcação entrando de um extremo, e navegando pouco a pouco por toda a peça desenhada. Do outro appareciam as verdes sombras das arvores movendo-se com o vento; e manadas de viados por entre ellas, em miniatura, saltando sobre a parede. Devo confessar, que a novidade de tal vista pode ser o motivo da alegria e deleite para a imaginação, mas a principal razão

hé certamente a sua proxima similhança à Natureza; porque isto, bem como outras pinturas, não sómente mostra a côr e figura, mas tambem os movimentos dos objectos que representa.

VEMOS geralmente na Natureza cousas maiores e mais augustas que nas curiosidades da Arte. Por esta razão, os jardins em Inglaterra não intertém a phantazia como aquelles na França e Italia, onde vemos larga extensaõ de terra coberta de jardins e florestas, que representam por toda parte um Tôsko artificial, muito mais encantador, que o asseio e elegancia daquelles em Inglaterra, onde observamos as arvores, plantas, e arbustos, tractados à golpe de tizouras, em figuras conicas, globos, e pyramides. Talvez eu seja singular na minha opiniaçõ; com tudo, antes quero ver as arvores em todo o seu viço e diffuzaõ de ramos, do que assim cortadas e despidas para mostrarem figuras mathematicas; e penso que um pomar ou jardim, florido e frondoso, se mostra muito mais delicioso á vista, que os pequenos labirintos traçados á linha e compasso.

Obras da Arte.

DEPOIS de havermos mostrado como a phantazia se affecta pelas obras da Natureza, e como as da Arte, unidas á aquellas, mutuamente completam scenas e prospectos os mais deleitaveis ao entendimento do 'spectador, farei algumas reflecçoens sobre a tendencia immediata no particular da Arte, a qual produz os prazeres primarios da imaginaçãõ. Fallo da arte da Architectura, peloque toca ao todo de um edificio, como disse antes, sem entrar naquellas regras e maximas que os grandes mestres della tem dado, e explanado amplamente.

GRANDEZA, em obras de Architectura, pode ser considerada relativamente ao massiço da 'structura, ou à *ma-*

neira em que está edificada. Quanto á primeira, achamos as antigas, especialmente entre as naçoens Orientaes, muito superiores ás modernas. Sem mencionar a Torre de Babel, da qual diz um antigo escriptor, que no seu tempo ali jaziam os fundamentos, os quaes pareciam bem como uma espaçosa montanha. Que cousa mais nobre que os muros de Babylonia, seus jardins pendentes; eo seu templo dedicado à Jupiter Belus, da altura de uma milia, com oito diferentes andares, e no cume delle o observatorio dos Babylonios! Eu pudera noticiar tambem o immenso rochedo detalhado na figura de Semiramis, com os outros menores adjacentes, na figura dos Reys seus tributarios; o prodigioso tanque ou lago artificial, que conteve em si o Euphrates, até o tempo em que um novo canal foi formado para sua recepção, com diversos córtes por onde foi conduzido. Sei que há pessoas, que olham para algumas destas maravilhas da Arte como fabulosas; mas eu não acho fundamento para tal suspeita, excepto se hé, porque nos nossos tempos não temos similhantes obras. Naquellas idades, e regioens, haviam sem duvida maiores vantagens para edificios taes: a terra era mui fertil; os homens geralmente viviam de pastagens, cujo trabalho requeria menos braços que o da agricultura: poucos eram os negocios para empregar a grande parte do genero humano, e ainda menos eram as artes e sciencias para occuparem os homens de propensão especulativa; e o que hé mais sobre tudo, era ser o Principe absoluto; pois quando elle fazia guerra, marchava á frente de todo o povo; como vemos Semiramis Capitaniando tres milhoens de gente para o campo, e inda assim, opprimida pelos seus inimigos.

No Egypto ainda vemos as pyramides, que respondem ás descripçoens feitas dellas; e não duvido que o viajor ache os restos do Labyrinto, que occupava uma provincia

toda, e que tinha cem templos dispostos por entre as suas divizoens.

A muralha da China hé uma das peças de magnificencia oriental, que ainda faz figura no Mappa do Mundo; e seria tida por fabulosa, se ainda não existisse.

EM segundo lugar consideramos Grandeza de *Maneira* ou *Forma* em Architectura, aquella que tem tal força sobre a imaginação, que um pequeno edificio dará mais nobres ideas, do que outro vinte vezes maior, em que a sua forma for ordinaria.

REFLECTAM aquelles que tem visto o Pantheon de Roma, a disposição de entendimento que sentiram em si, à primeira entrada, e como sua imaginação se encheo de grandeza e pasmo; e considerem tambem, quam pouco em proporção se affectam com o interior de uma cathedral Gothica, postoque esta seja sinco vezes maior do que aquelle: o que não procede maisque da grandeza da forma em um, e da esterilidade no outro.

ENTRE todas as figuras em Architectura, nem-uma hé tão airosa como a cóncava e convexa; e achamos, nos lugares mais remotos da China, como na Europa, antigos e modernos edificios, desenhados grande parte delles nesta figura, pela pompa e magnificencia que mostram, nas suas columnas rotundas, nas suas abóbedas, e tectos. A razão hé clara, porque naquellas figuras vemos geralmente maior parte do corpo, doque nas de outro genero. Quando olhamos, defóra, para o exterior de um zimbório, vemos de uma vez a sua meia circumferencia; e quando de dentro, levantando os olhos, vemos todo o corpo do prospecto. Hé por esta razão que a phantazia se affecta mais com a vista do ar livre, e das nuvens que atravessam a abobeda celestial, doque com o quadrado ou outra figura. A figura do Arco-Iris não contribúe menos para a sua magnificencia, do que

as côres para a sua belleza ; segundo foi bem descrevido pelo filho de Sirach :— ‘ *Olhai para o Iris, e louvai Aquelle que o fez ; elle he formosissimo no seu 'splendor ; abraça os Ceos com glorioso circulo, e as Maons do Altissimo que o dobrou.*’

Praxeres secundarios da Imaginaçãõ.

CONFORME a divizaõ antes feita, sobre os prazeres primarios e secundarios da imaginaçãõ ; como temos já considerado os primeiros, entrarei agora na distincçãõ dos segundos.

ENTRE os differentes generos de representaçãõ, Esculptura hé o mais natural, e que nos-mostra alguma cousa mais verosimilhante ao objecto representado. Para exemplo, deixem que uma pessoa cega de nascimento tome nas maons uma imagem, e procure com o tacto dos dedos sentir os differentes cortes e impressoens do sizer ; facilmente conceberá como a forma de um homem, ou de um irracional, hé representada pela imagem : porém, se o cego corresse a sua maõ sobre uma *pintura*, onde tudo hé lizo e uniforme, elle nunca poderia imaginar nem perceber como as differentes partes ou forma de qualquer corpo podem ser delineadas sobre panno, taboa, ou cousa similhante. *Descripçãõ* excede ainda mais daquillo que representa, doque *pintura* ; porque uma *pintura* contém a verosimilhança do seu original, o que as letras e syllabas não podem fazer. Côres representam todas as linguas, porém palavras são unicamente entendidas por um povo ou naçãõ. Uma *descripçãõ* em *Musica*, feita por mestre habil, tambem excita noçoens de ideas na imaginaçãõ, indaque imperfeitas ; pois vemos que, conforme o espirito e modulaçoens da composiçãõ do autor, e o que elle pretende representar nella, seus ouvintes são tocados de algum affecto, pelas apprehensoens causadas da representaçãõ da musica.

EM todos estes exemplos, o prazer secundario da imaginação procede da acção do entendimento, em comparar as ideas que nascem dos objectos originaes, com aquellas que recebemos da *estatuã, pintura, descripção, &c.* Nesta operação do entendimento hé que depende a observação da congruencia ou discongruencia, que apparece entre as obras da Natureza.

AQUI me limitarei a aquelles prazeres da imaginação, que procedem de ideas nascidas de *palavras*; porque muitas observaçoens que concordam com *Descripçoens*, são igualmente applicaveis à *Pintura e Esculptura*.

PALAVRAS, quando bem escolhidas, tem taõ grande força em si, que uma *Descripção* nos-dá muitas vezes mais vivas ideas, do que a vista dos mesmos objectos. O leitor acha uma scena, desenhada em côres mais fortes, e pintada mais ao vivo na sua imaginação, pelo soccorro de palavras, do que pela vista que ellas descrevem. Neste cazo, parece que o poeta alcança o melhor da natureza; elle observa o país, segundo aquella, porém dá-lhe toques mais expressivos, exalta sua belleza, e vivifica toda a peça de tal modo, que as imagens dos mesmos objectos parecem fracas, em comparação à aquellas das expressoens. A razão hé provavel; porque quando nós pomos a vista sobre qualquer objecto, tomamos ao todo, aquillo que mais apparece; mas na descripção d'elle, o poeta nos-dá livre desenho, quanto lhe agrada; e descobre diversas partes, que, ou nós não attendemos, ou estavam fóra da vista, quando olhámos para o todo.

PODEMOS aqui observar, como acontece, que diversos leitores, conhecendo todos a mesma lingua, e o sentido das palavras que elles têm, tenham inda assim differente satisfação das mesmas descripçoens. Vemos um transportado com uma passagem, que outro lé com frieza e indifferença; ou acha a sua representação natural, onde outro nada percebe de similhança e conformidade.

ESTE differente gosto, ou differente percepção, deve proceder, ou da *perfeiçãõ de imaginaçãõ* em um mais do que em outro, ou das *differentes ideas*, (ou sentidos) que diversos leitores dão às mesmas palavras. Porque, para ter verdadeira satisfação, e formar juizo recto de uma descripção, uma pessoa devêra nascer com boa imaginaçãõ, e deve ter estudado a força e energia que há nas palavras de uma lingua; para ser habil a distinguir as mais significantes e expressivas de suas proprias ideas; e que força e belleza addicional ellas são capazes de receber da uniaõ ou conjuncção com outras.

A phantazia deve aquecer-se para reter a impressãõ daquellas imagens que tem recebido de objectos exteriores; e o juizo com discernimento, para conhecer que expressoens são mais proprias à adornalas o melhor possivel. Aquelle que hé deficiente em qualquer destes dous principios, inda-que receba noção geral de uma descripção, nunca pode ver distinctamente todas as bellezas particulares: bem como aquelle, de vista curta ou fraca, que pode ter diante dos olhos o prospecto de um lugar, em confuso, sem entrar no conhecimento de suas differentes partes, nem poder discernir a variedade de côres em seu splendor e perfeiçãõ.

PODEMOS observar, que qualquer circumstancia daquillo que já temos visto, desperta muitas vezes toda uma scena de apparencias, e traz um sem numero de ideas, que antes dormitavam na imaginaçãõ; tal como um cheiro particular, ou côr, hé capaz de occupar o entendimento, de repente, com a pintura dos campos ou jardins, onde encontrámos com aquillo a primeira vez; e de trazer em vista toda a variedade de imagens que entãõ accompanhavam. Nossa imaginaçãõ, assim alludida, nos-conduz inesperadamente à cidades, theatros, campinas ou prados, &c.

SERIA em vaõ inquirir, se acazo o poder de figurar ou imaginar cousas, com vehemencia, procede de mais perfei-

ção na alma, ou de mais delicada textura no cérebro de uma pessoa, que no de outra. Mas hé certo, que um bom escriptor deve ter nascido com esta faculdade em todo seu vigor, para poder receber vivas ideas de objectos exteriores, para reter e arranjalas todas, de sorte que em suas representações toquem a phantazia do leitor. Um poeta tem igual trabalho em formar sua imaginação, assim como um philósopho em cultivar seu entendimento. Elle deve adquirir um verdadeiro gosto ou delicada percepção nas obras da Natureza, e ser inteiramente versado no grande scenario da vida campestre.

DEPOIS de estar bastecido destas imagens, se elle quizer passar além deste genero de poesia, deve ter conhecimento da pompa e magnificencia de Côrtes. Elle deve tambem ser bem versado em tudo o que hé nobre e estavel em produções d'Arte, appareçam ellas em pintura ou escultura, como em grandes obras de architectura, que prezenalmente existem em seu splendor, ou nas ruinas daquellas que floreceram nas primeiras Idades.

VANTAGENS como estas, dilatam os pensamentos de um homem, e amplificam sua imaginação; e por isto influiráõ em toda sorte de escripta, se o autor conhecer como deve fazer uzo dellas. Entre os autores das Linguas scientificas, os que excederam e excedem neste dom de natureza, em seus differentes generos, são talvez, *Homero*, *Virgilio*, e *Ovidio*. O primeiro toca admiravelmente a imaginação com o que hé Grande; o segundo com o que hé Formoso; e o ultimo com o que hé Estranho. O ler a *Iliada*, hé como viajar por uma região inhabitada, onde a phantazia se entretém com mil Prospectos e vastos Dezertos; não cultivados pântanos, mattas espêças, informes rochedos e precipicios. A *Eneida*, pelo contrario, hé similhante a um jardim bem regulado, onde hé impossivel achar lugar desa-

dornado, ou que deixe de produzir alguma planta ou flor exquisita. Quando porém estamos na *Metamorphosis*, hé o mesmo que passear por um país encantavel, e ver nada mais que scenas magicas ao redór.

HOMERO está na sua provincia, quando descreve uma batalha ou multidaõ, um heróe ou um deos. Virgilio não pode deleitar-se mais, do que quando está no seu Elysio, ou copiando uma pintura encantadora. Os epithetos do primeiro mostram geralmente grandeza; e os do segundo, belleza. Em uma palavra, Homero sacia os seus leitores de ideas sublimes; e creyo, que tem exaltado a imaginação de todos os poetas depois d'elle. Não deixarei de mencionar *Horacio*, o qual se-rebata, e sahe fóra de si, quando tem Homero em vista. Virgilio lançou na sua Eneida todas as scenas agradaveis, que o seu assumpto foi capaz de admittir; e nas suas *Georgias* nos-deo uma collecção dos mais deleitaveis prospectos que podem ser tirados de campos e florestas, gados, e colméas.

OVIDIO, nas suas *Metamorphoses*, nos-mostrou como a imaginação pode ser affectada por aquillo que hé novo ou estranho. Elle descreve uma maravilha em qualquer incidente, e nos-dá sempre a ver uma nova creatura ao fim. A sua arte consiste principalmente em regular bem sua descripção, antes que a primeira forma seja completa, para-que a nova fique perfeitamente acabada; de maneira que, em qualquer passagem, elle nos-intertém com alguma cousa nunca vista, appresentando monstros até o fim da *Metamorphosis*.

SE eu nomeyo um poeta, como perfeito mestre na arte de força de imaginação, penso que *Milton* hé um deste genero. Se o seu Poema, *Paraízo Perdido*, não hé igual à Eneida ou Iliada, procede mais da falta da Lingua em que está escripto, que de algum defeito de genio no autor. Taõ

divino Poema, na Lingua Ingleza, hé semelhante à um grande palacio edificado de tijôlo, onde vemos a architectura em tanta perfeição como em marmore, postoque os materiaes sejam grosseiros. Nem-um outro assumpto poderia bastecer um poeta com scenas taõ proprias a tocar a imaginação; assim como nem-um outro poeta poderia pintar scenas taes em mais fortes e vivas côres.

Os prazeres da imaginação, nestas vistas secundarias, são de mais ampla natureza, do que aquelles que a imaginação goza, quando juntos com a vista; porque não sómente o que hé grande, estranho ou bello, mas tambem o que hé desagradavel, quando observado, nos-agrada em justa e propria descripção. Devemos pois inquirir o novo principio de prazer, que hé nada mais que a acção do entendimento, a qual compara as ideas nascidas de palavras, com aquellas que nascem dos mesmos objectos. Por esta razão, a descripção de um lugar immundo, ou cousa semelhante; será agradavel à imaginação, se a imagem for representada a os nossos entendimentos por expressoens proprias; indaque mais propriamente devemos chamar a isto, o prazer do entendimento, e não da phantazia; porque a imagem contida na descripção, não nos deleita tanto, como a propriedade da descripção para excitar a imagem. As duas paixões, à que as mais sérias passagens da poesia nos movem, são Terror, e Compaixão. Por conseguinte, qualquer se admirará como estas paixões, sendo á todo tempo desagradaveis, podem agradar, quando excitadas por justa descripção. Não hé cousa estranha que nos-deleitemos com passagens aptas a produzir em nós, Esperança, Alegria, Admiração, Amor, ou emoçoens semelhantes; porque estas nunca vêm ao entendimento, sem um prazer interno que as excite. Porém;—como acontece que nos deleitemos em ser terrificados e affectados por uma descripção, quando nós achamos

tanto desasocego no temor ou tristeza que recebemos de outra qualquer occasião?

SE considerarmos a natureza deste prazer, acharemos que não procede tanto da descripção do que hé terrível, como da reflectão que fazemos ao tempo que lemos. Quando olhamos para objectos hidiondos, não nos-contentamos pouco em pensar que estamos livres delles: consideramos ao mesmo tempo serem hórridos e inoffensíveis; desorteque, tanto mais espantosa seja a apparencia, quanto maior hé o prazer que recebemos do sentido ou idea de nossa propria segurança. E finalmente, vemos os terrores de uma descripção com a mesma curiosidade e satisfação que olhamos para um monstro já desanimado, ou para um esqueleto.

Hé pela mesma razão que nos-deleitamos em reflectir nos perigos passados; ou em olhar para um precipicio distante, o qual nos encheria de horror, se o vissemos inclinado ou pendente sobre nossas cabeças.

SIMILHANTEMENTE, quando lemos de tormentos, quedas mortaes, desastres, mortes, e outros accidentes, o nosso prazer, ou consolação, não procede tanto da tristeza que nos-causam estas descripçoens melancólicas, como da comparação occulta que fazemos entre nós e o paciente. Com tudo este genero de prazer não somos capazes de receber, quando vemos o mesmo paciente soffrendo os seus tormentos; porque o objecto, sendo tão proximo à nossa natureza, opprime os nossos sentidos, de sorteque não nos-dá tempo a reflectir sobre nós.

PORQUE o entendimento do homem não se satisfaz muitas vezes com o que vê na Natureza; ou porque sua imaginação pode phantaziar cousas de maior grandeza, estranheza, ou belleza, que os olhos nunca viram, e ainda conhecer algum defeito naquillo que tem visto; pertence ao poeta humorizar a imaginação. em suas proprias noçoens,

aperfeiçoando a Natureza onde elle descreve uma realidade, e accrescentando maiores bellezas doque estão na mesma Natureza, onde descreve uma ficção. Elle não está obrigado a attender aquella, no vagaroso progresso, ou retrogresso que faz de uma para outra Estação; nem a observar sua conducta, na producção successiva de plantas e flores. Elle pode lançar em sua descripção todas as bellezas da Primavera e Outomno, e mostrar que todo o anno contribúe a fazer estas algum tanto mais agradaveis. Rozeiras, madre-sylvas-trepadoras, e jesmineiros, podem apparecer interpostos; e as divisoens ou canteiros, estarem ao mesmo tempo cobertos de lirios, violetas, amarantos, e outras flores. A terra do seu desenho não está coarctada para ordem de arvores ou plantas particulares, mas sim propria para myrtos ou carvalhos; e se adapta ás producções de todo clima. Nella pode haver arvores de fructo sem cultura; as cêrcas, adornadas de arbustos florescentes; e se ao poeta parece proprio, formar uma gruta de especieria, elle pode fazer que o Sol a penetre para seu crescimento e conservação. Se tudo isto não faz uma scena agradável; elle pode ainda formar novas especies de flores, de cheiros mais activos, e mais nobres côres, não vistas nos jardins da Natureza. Póde introduzir quantas sortes de passaros lhe parecerem mais harmoniosos; e seus bosques serem os mais fechados e sombrîos. Uma longa Vista, ou curto Prospecto, hé o mesmo para elle; e pode facilmente formar cascatas, assim de um precipicio meia milia distante, como de vinte braças. Elle tem a escólha dos ventos; e pode mudar a corrente dos rios em serpentina variedade, à imitação do *Meandro* na Phrygia, para mais delectarem a imaginação do leitor. Em uma palavra, elle tem o modello da Natureza em suas maons, e pode dar-lhe os encantos que quizer; com tantoque não exceda dos limites, para não cahir em absurdos.

ASSIM como os Escriptores em Poesia e Ficção tomam seus materiaes ou ideas do exterior de objectos, e os ajuntam ás suas obras como lhes-agrada; assim tambem há outros que são obrigados seguir a Natureza mais restrictamente, e tomar della scenas inteiras. Taes são, Historiadores, Philosophos-Naturalistas, Viajores, Geographos, e todos aquelles que descrevem objectos viziveis de existencia real.

ENTRE estes escriptores, nem-um gratifica, nem dilata mais a imaginação, do que os autores da nova Philosophia; ou consideremos suas theorias á respeito da Terra ou Ceos, ou suas descobertas feitas por telescopos, ou qualquer outra de suas contemplaçoens sobre a Natureza. Não somos pouco deleitados em ver milhoens de animalejos moverem-se em uma folha verde, os quaes, em seu maior crescimento, não são viziveis aos nossos olhos naturaes. Nos tractados sobre metaes, mineraes, plantas, e meteóros, alguma cousa achamos bem interessante á fantazia, assim como ao nosso entendimento. Mas quando lançamos a vista sobre toda a Terra, e consideramos os diversos Planetas que a rodéam, enchemos-nos de prazer e agradavel pasmo, por ver tantos mundos, sobrepostos, cada um guardando sua órbita, em tão admiravel pompa e solemnidade. Se depois disto, contemplamos aquelles Espaços Ethérios, que distam de Saturno às Estrelas fixas, e passam além, à uma Infinitude; nossa imaginação vê-se em Prospecto tão immenso, que se esforça a comprehendelo. Porém, se ainda queremos subir mais alto, e considerar as Estrelas fixas, como tantos mundos de luzes, accompanhados de differentes ordens de Planetas; e ainda descobrir novos Firmamentos e novos Globos luminares, immersos na impenetrabilidade da Longitude Ethérea, que não podem ser vistos pela mediação dos mais puros telescopos; ficamos perdidos em um Labyrinto de Soes, e Mundos; e confundidos com a Immensidade e Magnificen-

cia da mesma Natureza, *Creada por Aquelle Supremo SER Que a Governá!*

FINALMENTE, nada hé mais agradavel à fantazia, do-que o dilatar-se esta por graus, na contemplaçã das pro- porçoens que seus diversos objectos guardam entre si; quando ella compara o corpo do homem ao massiço de toda a Terra; quando compara a terra ao Circulo que esta descreve ao redôr do Sol; o circulo à Esphéra das Estrelas, fixas; a Esphara a Redondeza de toda a Creação; toda a Creação ao infinito Espaço que tudo circúla: ou tambem, quando a imaginação desce a considerar, o todo de um cor- po humano relativamente ao de um animal, e este ao de um insecto, milhoens de vezes menor; cujos músculos, tendo- ens, espiritos vitaes, e minudencias proporçionaes ao seu todo, antes que cheguem à sua perfeição; hé um objecto capaz de interter sómente a fantazia daquelles que estudam a Natureza.

A Poesia teve seu principio da mesma Natureza. O Homem, depois de formado pela Mão do Creador, admira e pasma à o ver o mundo, que lhe mostra a grandeza e mag- nificencia d'Aquelleque o formou. A vista de tantas mara- vilhas o rebatam à contemplaçã do Supremo Ser, unico Objecto digno de ser amado. Elle proclama a Grandeza de um Deos, taõ perfeito, taõ poderoso, e taõ sabio; elle toma o socorro da voz, que ao principio, apenas pode formar sons inarticulados; aos quaes, depois, ajunta distinctas ideas dos sentimentos que sente em sua alma.

UMA linguagem rude não corresponderia ao impulso que elle sentia no seu coração; ainda necessitava de expresso- ens sublimes. Elle revê, e considera toda a Natureza; e da variedade de riquezas que ella em si contém, forma para si as mais vivas imagens, e mais fortes expressoens. Elle ob-

serva, que entre os differentes sons das palavras, alguns são agradaveis e sonóros, e outros mais asperos; assim, procura fixar, sobre os termos de que elle usa, um certo numero, e cadencia. Tal hé a natureza e origem da poesia; cujo fim era publicar os louvoros do Creador, segundo o uso que della fizeram os Hebrêos. Porém as Naçoens bem depressa transferiram para a creatura, o tributo que por aquella sómente era devido ao Creador: deste modo, degenerando a poesia de sua primeira puridade, foi empregada para celebrar falsas divindades do Paganismo; e à final para toda sorte de paixoens.

MUSICA expressa as propriedades dos sons, que são capazes de produzir harmonia, e esta mover os affectos d'alma; bem como a poesia, que pelo metro e cadencia de palavras, expressa os nossos sentimentos; com a differença que, aquella tem o poder de mover por sons harmonicos de differentes instrumentos ou vozes; e esta, pelos sons unicamente vocaes. Sendo estas duas Artes taõ unidas, e taõ naturaes ao homem para expressar seus sentimentos, análogos às obras da Natureza que elle contemplava; parece que ambas deviam ser co-irmãos, e cultivadas quaze ao mesmo tempo, à proporção do augmento que cada uma tivesse dos seus amadores.

ASSIM pois, o principal fim da Musica hé mover nossos affectos pelos sons accordes que imitam à mesma Natureza; e por esta razão, ella deve agradar, theorica e practicamente executada, segundo o uzo que tem tido em todas as Idades do mundo.

Os Israelitas a practicaram para proclamar os louvoros do Creador, e dar prazer e consolação em preceitos moraes: consequentemente, seus Cânticos deviam ser graves, sólidos, e tocantes.

Os Hebréos, segundo a Escripura, já faziam uso de musica instrumental, que cauzava effeitos sobrenaturaes, pelos seus instrumentos de corda, e de sôpro. Sabemos que no tempo de David, e Salomaõ, esta Arte floresceo bastante; e que mais de duzentos músicos eram nomeados para cantar no Templo, e instruir à muitos discipulos. O Canto dos Hebrêos era ordinariamente acompanhado com Dança, eo Choro dos cantores.

Os Egepcios, seguindo o exemplo dos Israelitas, consagraram a musica à religião; e como esta arte nunca havia sido empregada em profanidade, elles rejeitaram as cançoens affeminadas, que sómente inspiravam falso prazer; e conservaram os accórdes harmoniosos, e proprios a excitar o coração e o espirito.

Foi no Egypto que Pithágoras adquirio Gosto e Conhecimento de musica, para communicar aos Gregos. Foi elle que achou novos tons, e gradaçoens harmónicas, pelas diferentes pancadas de martello na bigorna, quando Tubal havia descoberto, pelo ouvido, os rudes sons que agradavam aos nossos primeiros Pays antes do Diluvio. Assim hé que um philosopho aprende sempre; e qualquer cousa hé objecto de instrucção em toda sua vida.

A musica, naquellas Idades, tinha um character masculino e guerreiro; era designada para inspirar nada mais que virtude, e celebrar os heróes; como sabemos que Pericles no seu tempo, fez edificar o *Odeon*, e instituir os Divertimentos, os Combates, e Consertos musicaes, nas festividades *Panathénean*, (Athenienses;) onde os premios e signaes de honra eram dados à aquelles que excediam em merito; e o que cauzava grande emulação entre os espiritos naturalmente zelosos e ambiciosos de gloria.

O poder que a *Harmonia* instrumental ou vocal tem sobre nós, hé um figurativo daquella que abrange e contém toda

a Natureza, cujo poder sentem os Elementos, as creaturas, e ainda todos os sêres inanimados. Sem a Harmonia, estabelecida pelo Creador, os Astros e Planetas não guardariam suas gradaçoens; o Ar, a Terra, Agua, e Fogo, não conservariam sua ordem natural.

A harmonia musical, quando composta por autor de imaginação profunda, e polida, deve representar alegria, ou tristeza, majestade, veneração, actividade, ou qualquer outro affecto, à que nossos sentidos estão sujeitos, quando excitados pela vista, ou pelos ouvidos. A composição de musica alegre hé como o dia sereno e bello, que nos-excita prazer; e não precisamos de palavras para sentir este effeito. Assim tambem a composição de musica triste, bem como o dia nublado, nos-conduz à melancolia; e assim as mais sortes de composição musical, conforme o que ellas representam.

A harmonia da musica tem poder ainda mais activo, do que a pintura representa, porque esta em si hé muda e statica, e não hé capaz de infundir espirito, nem extasiar aos seus admiradores, como aquella aos seus ouvintes.

A musica, pela uniaõ de instrumentos graves e agudos, e pela uniaõ de sons accordes e discordes, descreve ou pinta ao vivo uma batalha, uma tempestade, um terremoto, e quaesquer outros incidentes da Natureza.

A composição do eminente Dr. Haydn, 'sobre as Sete Palavras ou Exclamaçoens que Christo proferio na Cruz,' prova bem esta imitação; pois conforme as regras da Arte, nem um compositor deve escrever qualquer peça de musica, seja instrumental ou vocal, sem pensar o que nella pretende figurar; e assim como as palavras expressam nossos sentimentos, a musica tambem deve, com palavras ou sem ellas, representar nossos affectos. Hé pela propriedade dos sons harmonicos, e da melodia dos instrumentos ou vozes, que esta nobre arte tem o poder de suavizar paixoens d'alma,

lançar fóra melancolia, e abrandar loucura humana; e ainda domar as mesmas feras; ao que tanto não chega a poesia, nem a pintura.

A causa destes effeitos hé bem evidente; pois que a força da vibraçãõ do ar, graduada pelos sons graves e agudos, formados nos instrumentos de cordas ou de sopro, vêm tocar ostympanos auriculares do racional, ou irracional, (que são outros instrumentos, formados para receber sons;) por cujos orgaos, a alma e o coração como centro, se despertam e recebem o affecto que lhes-infunde a representaçãõ harmonica. E finalmente, a Musica, pela variedade de sons e modulaçoens comque reprezenta os nossos affectos, tem poder illimitado sobre todas as creaturas; pois onde querque ella appareça representada, o sabio, ou o ignorante, o polido, ou o rustico, o homem, ou a fera, todos páram, attendem, ouvem, e immediatamente são affectados conforme suas imaginaçoens, ou sua natureza.

CONSIDERANDO uma e muitas vezes sobre os Prazeres da Imaginaçãõ, e à qual dos nossos sentidos devemos a maior e mais importante porçãõ de prazeres, conclúo ser à *Vista*: esta hé, sem duvida, o soberano dos sentidos, e o movel de todas as artes e sciencias, que tem aperfeiçoado a rudez do entendimento à polidez que distingue os espiritos de genio, do gosto rude e vulgar. A vista hé a benefactora que nos dà sensaçoens as mais transportantes, quando observamos a infinita variedade de producçoens da Natureza. A ella devemos as admiraveis descobertas da Altura, Grandeza, e Movimento dos Planetas; suas differentes revoluçoens ao redor do Sol, seu Centro commún de Luz, Calor, e Moçaõ. A vista ainda chega às Estrelas fixas, e enche o entendimento de razoens solidas à provar, que cada uma dellas hé um Sol que se move sobre seu proprio Exo no centro do seu vórtex.

A Vista informa ao scizel do estatuario o poder de dar animação ao bronze e mármore; e ao pincel do pintor, o poder de sobre-sahir figuras, desenhadas em linho ou taboa, como em acçoens imaginarias. A Musica, pode allegar e persuadir com a origem dos seus principios relativos à Natureza; mas tambem a Vista, por sua mediação, não sómente reduzio os rudes e dissonantes tons do martello à ordem e harmonia gradual, como ainda conduz esta, por desenho, aos mais remotos Lugares do mundo, em sons tácitos. De mais, ao sentido da vista devemos todas as descobertas de Philosophia, e toda representação poetica, em Homero, Virgilio, Milton, &c.

Como a Vista tem polido o mundo, ella tambem nos-administra os mais agradaveis e reaes prazeres. Declare a verdadeira amizade, o amor paternal, a afeição filial, e os fieis consortes, que alegrias lhes-causa a Vista, ao encontro do objecto auzente. Não teria fim o enumerar todos os prazeres e vantagens deste soberano sentido; todos que o possuem, sentem a gloria e satisfação que por elle gozam.

Hé cousa na verdade admiravel, o considerar, quantos objectos os olhos recebem de um golpe de vista, em um instante; e ao mesmo tempo julgar da situação delles, sua figura, e córes. Este sentido vigia nossos perigos, guia nossos passos; e por elle conservamos todos os objectos viziveis, cuja belleza e variedade nos-instrue e deleita. Sendo pois tão grandes os prazeres e vantagens da vista; a sua perda necessariamente deve ser bastante afflictiva.

Descripção da Erupção do Monte Souffrier, na Ilha S. Vicente, uma das Caribéas no Occidente : pela noite de Quinta feira, 30 de Abril, 1812.

O Monte Souffrier, mais para o Norte da elevada Cordilheira de serranias que atravessam pelo centro da Ilha S. Vicente, e o mais alto de todos, segundo a indagação mais exacta, mostrava à tempo muita inquietação em si; e pela frequencia extraordinaria de terremotos, calculados haverem excedido à duzentos, no decurso do anno passado, annunciava grande aballo. A apprehensão, inda assim, não era tão immediata, que impedisse a curiosidade, ou prevenisse repetidas vizitas à Cavidade ou lugar da Scena; as quaes por ultimo já eram mais numerosas do que antes, até o Domingo 26 de Abril; quando alguns senhores subiram ao Monte, e ali estiveram por pouco tempo. Nada fóra do usual foi notado, nem differença exterior observada, que uma evaporação de fumo mais forte, sahido do fundo da Cavidade, pelos intersticios do Monte, figura spiral.

PARA aquelles que não viram este romantico e admiravel lugar, hé necessario e indispensavel dar uma pequena descripção d'elle, como d'antes era, para melhor entenderem a relação seguinte; porque pessoa nem-uma pode ver outravez este sitio, na perfeição e belleza em que estava no Domingo 26 do corrente.

COUSA de 2000 pés do levél do mar, (calculando por conjectura) ao lado do sul do monte, e mais de dous terços da sua elevação, abre um vacuo circular, que excede talvez meia milha em diametro, e cousa de 400 à 500 pés de fundo: exactamente no centro deste espaçoso cóncavo se-elevava um outeiro de 260 à 300 pés de altura, e cousa de 200 em

diametro, ricamente coberto e matizado de arbustos, baxa espessura, e vinhas, até mais de meia subida; e desta para o cume, estava polvorizado de flor de enxôfre.

DAS fendas, na baze cónica e intersticios de rocas, estava sempre a sahir delgado fumo alvadio, algumas vezes listrado de pequena chama azulada. Os precipitados lados deste magnifico amphitheatro eraõ adornados de diversas hervas aromaticas sempre-verdes, flores, e plantas Alpinas. Aos lados do norte e sul da baze conica estavam duas pequenas cavas d'agoa, uma perfeitamente pura e salôbra, a outra muito estagnada de enxôfre e pedra hume. Este solitario e formoso lugar fazia-se mais encantador pela melodia do canto de um pássaro, habitante destas elevadas solidões, e ao mesmo tempo incognito nas outras partes da Ilha; donde procede ser chamado ou supposto, invizível; inda que elle na verdade foi visto, ser uma especie de merlo.

Um seculo hé passado desde a ultima convulsão da montanha, ou desde que algum outro Elemento houvesse perturbado a serenidade deste dezerto, excepto o commún das tempestades do Tropico. Ella apparentemente dormitava na sua tranquillidade e solidaõ original; e pela florecente vegetaçã, e crescimento da floresta que cohria os seos lados, desde a baze até junto do cume, parecia não mostrar o facto, e falsificar a lembrança do antigo volcaõ. Tal era o majestoso-pacifico Souffrier no dia 27 de Abril; mas nós andavamos sobre—*ignem repositum cineri doloso*,—o fogo acamado em cinza dolosa; ea nossa imaginaria segurança breve estava para ser confundida pelo repentino perigo de devastaçã.

Ao ponto do meio dia na segunda feira, quando os sinos davam signal à cessa da plantaçã, precipitado e espantoso estrondo da montanha, com sevêra concussã da terra e trémulo ruído no ar, atemorizou tudo em seu redór. O re-

surgimento da ardente fornalha foi divulgado em um momento pelo grande ballão de espêsso-denegrido fumo, semelhante ao de uma grande estufa de vidraças quando rebenta, e sobe aos ares; lançando chuva d'arêa, com rígidas particulas calcinadas de terra e favilla mixturadas, sobre toda a falda. Sendo isto lançado pelo vento para a parte de Wallibon e Morne Ronde, obscureceo o ar, bem como a cataracta de um aguaceiro; e cobrio as serranías, mattas, e canaviaes com alvejadas cinzas, semelhante à neve quando empoeirada. Quanto a erupção crescia, este continuo chuva se dilatava, destruindo toda apparencia de vegetação. 'A noite, consideravel grau de incendio foi observado pelas bordas da Caldeira; mas não affirmam, que ainda houvesse ali alguma subida de flama vizivel. A mesma espantosa scena se apresentou na terça feira; o montão de favilla e pedrisco calcinado ainda crescia; e a compacta columna, semelhante ao fumo de alcatraõ, se levantava perpendicular da Caldeira à immensa altura, com bramido por intervallos, bem como eccho de trovaõ distante. Na quarta feira, 29, todos estes ameaçadores symptomas de horror e abraçamento cada vez se faziam mais espêssos e terrificos, por milhas em redór da desgraçada e quase obscurecida montanha. A prodigiosa columna subio com rapidez, dilatando-se como um ballão.

O sol parecia estar em eclipse total, e sobre nós lançou meridiano crepusculo, que aggravou mais a apparencia da scena invernosa, entaõ completamente coberta de particulas que ainda gravitavam. Era evidente que a crise estava a chegar;—que o fervente fluido luctava fazer uma aberta, laborando para lançar fóra o sobrepezo de *strata* e obstrucçoens que suffocavam a ignifera torrente. Pela noite, vio-se que esta laboração se-havia desembaraçado de grande parte da sua carga, pelo fogo que de vez em quando flamejava em folhecas por cima da boca da Caldeira.

NA quinta feira, memoravel dia 30 de Abril, o reflexo do sol nascente, sobre este majestoso corpo de enrolado vapor, era sublime fóra de imaginação,—a comparação das montanhas Glaciers, das Andes ou Cordilleras, com esta, pode apenas dar uma idéa da lanigera brancura e brilhantismo desta columna solemne, tecida e ornada de nuvens de fumo. Depois disto tomou mais sulphúrea forma, semelhante à que chamamos nuvens de trovoadas; e pelo decurso do dia, uma apparencia ferruginosa e sanguinea, com mais actividade na subida, e mais extensiva dilatação, como se estivesse quase livre de toda obstrucção:—pela tarde, o estrondo era incessante, e parecia vir chegando-se o trovão cadavez mais perto; com tal vibração, que affectou os sentidos humanos, pois ainda não havia ali convulsiva moção ou terremoto sensivel. Terror e consternação entram agora a apoderar-se de todos os espectadores. Os Caríbas, situados no lugar Morne Ronde, ao pé da montanha Souffrier, abandonaram suas cazas com sua mobilia e tudoque possuíam, e correram precipitadamente para a villa. Os negros, em confusão, deixaram o seu trabalho, olhando para a montanha; e como esta se aballava, tremeram, com pavor do objecto que elles não podiam entender nem figurar. Os passaros cahiam sobre a terra, opprimidos dos chuveiros de favilla, e inhabilitados a substerem-se nas suas azas: o gado estava faminto, porque não achava um talo d'herva ou folha para sustento: o mar parecia discorado, porém não com grande agitação; e hé de notar que, durante o tempo desta violenta perturbação da terra, continuou passivo, e nunca sympathizou com o aballo do lugar. Pelas quatro horas da tarde o estrondo se fez mais formidavel; e quase ao ponto do sol deixar o hemispherio, as nuvens estavam cor de cobre luzente, e achamalotadas. Apenas o dia se havia fechado, quando à final respirou da Caldeira a chama pyramidal por

entre o montão de fumo, e o bramido de trovão mais horrroso e subterrâneo: electricas espadánas succederam logo, acompanhadas de grandes estalos; e então principiou a catástrophe. Sómente aquelles que presenciaram esta scena, podem formar uma idéa da magnificencia e variedade do claraõ electrico das chamas: umas sahiam como enfarpadas, cruzando a columna perpendicular da Caldeira; outras, rabiosas como foguetes do mais offuscante lustro; e outras, similhante à conxas com rasto de espulêtas, formando diferentes parábolas, com as mais vívidas scintillaçoens, sahidas da obscura e sanguinea columna, que se-mostrava inflexivel pelo vento. Logo depois das sete horas, vio-se que a poderosa Caldeira fervia, e que o bolhaõ de lava se-quebrava para o lado do Nor-Oeste. Esta, logo depois de estar a ferver sobre o oreficio, e derramar por pequena bréxa, era ao mesmo tempo impedida pela acclividade de um cabeço de terra mais alto, sobre que era lançada pelo immenso fluxo do liquido abrazado, formando a figura V em grande illuminaçaõ. Algumas vezes, quando a ebuliçaõ ou fervura se relaxava, ou a sua cohezaõ era insufficiente para fazela cahir por cima do cabeço opposto, retrocedia, similhante a onda repulsada de um rochedo; e outravez se remeçava impellida de novas forças, e escalando todo obstaculo, levando pedras e paus no seu trasbordamento pelo declive da montanha, até precipitar-se em algum sorvedôro, occulto à nossa vista, por causa das interpostas serranías de Morne Ronde. Vastos corpos globulares de fogo eram vistos, lançados da ardente fornalha; e rebentando, cahiam outravez dentro, ou sobre os arbustos ao redór, que logo ardiam. Pelo tempo de 4 horas, desdeque a lava fervia acima da Caldeira, chegou ao mar, segundo pudemos ver pela reflexaõ do fogo, e chamas electricas que acompanhavam. Depois de uma hora da noite, outra torrente de lava foi vista, descendo pela

parte do leste para Rabacca. O trovejante som da montanha, e a vibração do eccho, que até então eram formidaveis, confundidos agora na triste monotonia da lava precipitada; tudo isto se-fez taõ terrivel, que o susto passou quase à desesperança. A este tempo o primeiro tremor de terra foi sentido: chuveiro de cinzas seguiu logo, cahindo com sybilante ruido de pedrisco por espaço de duas horas.

PELAS 3 horas da manhã, rolava sobre os tectos das cazas uma cahida de pedras que logo se-condensavam, e se-desfaziam em chuva de fogo mixto, que de uma vez ameaçava o fado de Pompêo, ou Herculaneo. Os estalos e o claraõ das espadanas que sahiam da Caldeira, neste periodo excederam à tudo o que era passado. A vista dos olhos se-obscrecia com cegueira momentanea, e os ouvidos se-atravavam com a rotundez de roucos sons. O povo procurava abrigo nas adéguas ou cozinhas subterraneas, debaixo de rochedos, ou outra qualquer parte, porque tudo era quaze o mesmo; e os miseraveis pretos, ao sahir correndo de suas cabanas, cahiam com a pancada do estrago, feridos, e muitos mortos ao desamparo do ar. Diversas cazas arderam. As herdades situadas na vizinhança pareciam julgadas à destruição. Fõssem as pedras que cahiram, pezadas, em proporção ao seu tamanho, uma só pessoa não escaparia da morte; pois estas, como haviam passado por uma fuzaõ ou derretimento, faltava-lhes a natural graveza, e cahiam taõ leves como a pedra pomex; indaque, em alguns lugares, eram taõ grandes como uma cabeça. Esta horrivel chuva de pedras e fogo durou mais de uma hora; e foi outravez seguida de cinzas ou materia combusta, desde as tres horas até seis da manhã. Terremoto sobre terremoto quaze à momentos, ou antes, o todo desta parte da Ilha estava em continua oscillação;—naõ agitada por choques verticães ou horizontaes; mas fluctuosa como agua, quando alterada em um vaso.

O romper do dia, se tal podemos chamar, foi na verdade terrífico. A obscuridade se-fez unicamente vizível pelas oito horas da manhã; e o primeiro de Mayo, offuscado como o dia de Juizo: um Cháos de tristeza cobria a montanha, e impenetravel névoa de nuvens negras, lançadas do sulphureo jacto, pendia sobre o mar. Toda a Ilha estava coberta de favilla, cinzas, escória, e pedaços de massa de materia volcanica. Foi até depois do meio dia que o ronco da montanha cessou com silencio gradual, mas ainda suspeito. Taes foram as particularidades desta *sublime* e tremenda scena, desde o seu principio até a catástrophe.

EXTRACTO II.

PELA pintura ou descripção da tragica Scena do Monte Souffrier, podemos considerar (deixando de parte a destruição e terror que ella cauzou aos seus habitantes) a sua Sublimidade, como objecto de um Spectaculo, formado pelas Leys da Natureza. Para entrarmos nesta consideração, hé necessario fallando sobre *Gosto*, ou Conhecimento de perfeiçoens e imperfeiçoens de objectos, attender duas cousas: primeira, qual hé a causa que constitúe Belleza; segunda, quaes são as qualidades desta, nos Objectos.

A primeira noção que quaze todos tem a respeito de gosto, ou a capacidade de perceber belleza, hé ser uma faculdade particular, unida ao objecto; como, por exemplo, Luz hé o sentido dos olhos; e o Som, dos ouvidos. Belleza, hé aquella que gratifica a faculdade de gosto mental; e gosto, aquelle pelo qual somos sensiveis da belleza: e isto hé o que devemos conhecer de uma ou outra cousa; segundo a authoridade dos criticos philosophos.

Hé bem palpavel, que há quaze tantas especies de belleza, como há variedades de emoção no entendimento; que umas são melancolicas, e outras alegres; que umas são simples, e outras magnificas; e que, segundo estas, somos tocados pela contemplação dellas, ou para ternura, para amar, compadecer e lamentar; ou para imaginações vivas, ou ainda pensamento tranquillo, e finalmente para admiração, humildade e respeito.

Como as emoções que recebemos de belleza são tantas, devemos concluir que ellas são modificações das mais familiares affeições; e que a belleza hé o poder de reflectir sobre estas. Portanto devemos conhecer quaes são as affeições que produzem o sentido de belleza; e em segundo lugar, qual hé a natureza ou causa porque supponmos, que os objectos à que chamamos *bellos*, são capazes de despertar estas affeições.

CONHECEMOS que hé agradavel, o recordarmos nossas sensações de prazer, assim como as de outra qualquer creatura. Tambem temos certo deleite com a lembrança do nosso passado, ou idéas de futuras emoções; ainda acompanhadas de pezar, e de algum modo suavizadas.

PARECE pois, que os objectos são sublimes ou bellos, em primeiro lugar; quando elles são os signaes naturaes, e perpetuos concomitantes de felicidade ou soffrimento; ou, por qualquer modo, de algum vivo sentimento ou emoção em nós-mesmos, ou em outros seres sensiveis: em segundo lugar; quando elles são os concomitantes arbitrarios ou accidentaes dos sentimentos: e em terceiro, quando elles tem alguma analogia, ou parecença imaginativa, às circumstancias com que estas emoções estão necessariamente unidas.

A mais forte uniaõ que pode haver entre os sentimentos internos e objectos externos, hé, quando o objecto está necessariamente unido com o sentimento pela ley de natureza.

Tomemos, por exemplo, o som do trovão: cousa nem-uma, talvez na ordem da natureza, hé mais tocante e sublime; comtudo, a sublimidade não procede da qualidade do som percebido nos ouvidos, mas sim da impressãõ do poder e perigo, suggerido no entendimento, todas as vezes que ouvimos tal som, por ser objecto de respeito e veneraçãõ.

Dous objectos interessantes, tenham elles os nomes de *Bellos*, *Sublimes*, ou *Picturescos*, talvez não produzam sempre a mesma emoçãõ no spectador; e um só objecto, hé mais provavel, nunca moveo duas pessoas às mesmas percepçoens. Como os objectos podem ser associados de todos os sentimentos e affeçoens de que o entendimento humano hé susceptivel, assim tambem podem suggerir esses sentimentos em toda sua variedade; e de certo, elles diariamente excitam toda sorte de emoçoens,—desde o ultimo grau de alegria e elevaçãõ, até o ultimo de horror e desgosto.

Hé bem verdade, que toda a variedade de emoçoens nascidas por esta forma, na unica base de associaçãõ, pode ser classificada, em modo tôsko, debaixo das denominaçoens de Sublime, Bello, e Picturesco, poisque ellas participam de respeito, benignidade, ou admiraçãõ; e não temos outra objecçãõ a esta nomenclatura de termos, excepto sua ultima imperfeição, e os enganõs que conhecemos haverem dado occasiaõ. Se objectos que interessam por sua associaçãõ, com idéas de poder, perigo e terror, devem ser distinguidos pelo nome particular de Sublime; porque não haveria tambem um nome separado, para objectos que interessam por associaçoens de prazer e alegria, outro para aquelles que agradam por suggestoens de brandura e melancolia, outro para os que estão connexos com impressoens de conforto e tranquillidade; e outros para os que tem referencia à compaixãõ, admiraçãõ, amor, tristeza, e todas as mais emoçoens e affeçoens da nossa natureza? Estas não são na

realidade menos distinguiveis uma da outra, do que das emoçoens de respeito e veneração, à que dão o titulo de Sublime pela sua representação.

DUAS sortes de sublimidade, pelo menos, são consideradas na mesma forma, assim como muitas sortes de belleza; e que algumas produzem um genero de respeito, humiliação e terror, e outras uma sorte de gloria interna e elevação de espirito, conforme as suggestoens que eilas trazem à imaginação. Hé verdade que o terror, em sua forma directa, hé um sentimento afflictivo; e que quando este se exalta, hé incompativel com qualquer emoção agradável. Mas ainda assim, hé bem certo, que o spectaculo ou imaginação de terror em outros, (comtantoque não seja sem fundamento, mas natural por causas sufficientes) hé um objecto de sympathia attractiva. Para satisfazer aos leitores, será justo, suggerir alguns exemplos das differentes sortes de sublimidade.

TODA a classe de objectos sublimes, à que popularmente applicamos os nomes ou epíthetos de medonho, triste, desgraçado, espantoso ou terrivel, excitam idéas de perigo, e abatem o entendimento com o sentido de humiliação e respeito. Medonhas cavernas e abóbedas, todo o apparatus e acompanhamento funeral; todas as lembranças de mortalidade; todos os signaes de poder, armado de cólera irresistivel; o oceáno tempestuoso e obscurecido; terras déstruidas por furacoens, ou aballadas por terremotos; eclipses e trovoens; o estrondo de caixoeiras d'agua, quando fazem as valas impassaveis; noite tenebrosa, de pezada chuva, relampagos e trovoens continuos: tudo isto, e multidaõ de objectos similhantes, estão sem duvida na primeira ordem de sublimidade; comtudo, o seu effeito primario hé, desanimar o espirito com o sentido de sua propria fraqueza, e excitar as emoçoens de humilde respeito e adoração, com o

que uma natureza inferior contempla as indicaçoens viziveis de perigo e poder irresistivel.

POR outro lado, a narraçaõ de grandes acçoens, grandes apparatus e pompa, todas as exercçoens e triumphos de poder humano ou imitavel, são aptos a exaltar a alma com aquella gloria e alegria interna, de que Longino e todos os criticos tem fallado, para incitar um genero de emulaçaõ no entendimento dos spectadores, e eevalos por sympáthica ambiçaõ ao grau d'aquellas façanhas; de que elles vêm ser capaz sua natureza.

A maior parte dos objectos communs de sublimidade hé de character mixto, e pode excitar emoçoens ou de humiliaçaõ e respeito, ou de aspirar ambiçaõ, conforme o temperamento e disposiçoens d'aquellas pessoas à quem elles se apresentam. Ao espirito de braveza militar, o som da trombeta guerreira, o estrondo d'artelharia, o atropellamento de legioens sobre legioens, são objectos animantes e exaltantes; para homens timidos, e para mulheres, hé cousa cruel e terrivel; mas para ambos, inquestionavelmente isto hé sublime; e talvez mais sublime para aquelles que tambem sentem grande terror. Tomemos pela mesma forma, em natureza, uma scena sublime, tal como hé representada em alguns prospectos de paizes; uma fileira de montanhas incultas e solitarias, com precipicios e abysmos, correntes d'agua turva, cavernas, e bandidos caçadores, espalhados pela solidaõ: um aventureiro intrepido hé unicamente movido à maior grau de temperamento, pela influencia deste prospecto; e sente-se forte e capaz de subir os precipicios, perseguir a caça que estes occultam, e contender com aquelles competidores que talvez podem sahir-lhe ao encontro; quando outro, de character pacifico e ordinario, treme à vista de tal objecto perigoso, e seu espirito hé succumbido com o pezo da sublimidade do mesmo objecto.

DEIXANDO pois de parte a imaginação de terror, que o objecto da scena do monte Souffrier cauzou aos seus habitantes e espectadores, consideremos externamente a natureza da sublimidade e grandeza do spectaculo, (olhado com coragem, por aquelles que estavam distantes quanto possivel;) bem como presenciámos com alegria um grande *Artificio de Fogo*, pela variedade de vistas que este contém, e que nos excitam as mais vivas imaginaçoens de poder, prazer, e admiração; não obstante a idéa remota de um funesto accidente, que pode acontecer, e desvanecer o prazer geral.

O lugar do Souffrier hé solitario, romantico, espaçoso, e elevado. Os Effluvios deram signal, e começaram exhalar, de vez emquando manxados de azul; seguiu-se depois o estremeço do monte com eccho retumbante; descobre-se a fornalha, e lança de si o ballão de espêso fumo, com particulas arenosas e favilla calcinada. Começou a fervencia dos liquidos na grande Taxa ou Reservatorio; no seguinte dia, exalta-se a denegrída columna, com bramidos de trovão por intervallos, augmentando-se cadavez mais, pelo fomento de ar elastico da combustão subterranea. Vê-se o sublime da refracção dos rayos do Sol contra o denso corpo de nuvens, de côres sulphúreas, cobreadas, férreas e sanguineas, que pelo seu mixto e grandeza matizam todos os mais corpos em circumferencia, e formam a variedade de Belleza. Prosegue a alluviaó da chama pyramidal, accompanhada de settas, foguetes, e glóbulos ardentes formando secçoens cónicas. O fluxo e refluxo do liquido abrazado mostra a figura angular illuminada. Precipita-se a Ebulição, fervem as bombas ao ar, com o electrismo dos Effluvios; lavas sobre lavas; cinzas, e pedras continúam com a explozaó; chove a machina em fogo!

QUE bello e magnífico spectaculo; e que natureza e variedade de scenas! quando a Machina se deixa ver em

todas as suas operaçoens graduaes, mostrando não severidade repentina, e dando tempo a serem observadas as suas maravilhas; pelo que não podia haver probabilidade de subversão territorial, considerando a eminencia do lugar, e o desabafo em que já estava a materia volcanica.

ESTA obra da natureza, este Mongibell, segundo a frequencia de terremotos e aballos, calculados haverem já excedido à 200, no decurso do anno passado; sendo observado por quatro dias, conforme sua descripção, hé todo tocante de vivas imaginaçoens, de sublimidade, grandeza, respeito e admiração; cujas emoçoens podem sentir sómente aquelles, que não se deixam succumbir nem desmaiar de terror. Porém aquellas pessoas fracas de espirito, e ignorantes de uma causa natural, confundidas do pavor, e dependentes do seu pobre azylo ao pé da montanha, deixáram-se aterrar, como vendo, ou já esperando a morte sobre si, e o territorio subvertido. São estas as emoçoens que cada um sente, com a vista de similhantes objectos, conforme suas idéas e conhecimentos.

COMPAREMOS este spectaculo de fogo, com outro, talvez de maior assombro, mas de differente natureza. O immenso Oceáno, quando enrolado e desabrido em furiosa tempestade: as ondas não parecem ondas, nem às vagas daremos este nome; são monstros animados, por assim dizer, que se elevam às nuvens, e sobre cuja convexidade rolam fragéis montanhas de lenho, cahindo à cada passo em abysmos realmente pavorosos, onde parece que serãõ tragadas por qualquer dos monstros que já vem sobre. Este objecto na verdade excita emoçoens mentaes, de poder, magnificencia, terror, contemplação e humildade; e comtudo, aquelles que estão affeitos a este Elemento, olham estas scenas com indifferença e sem perturbação; quando outros, não pro-

fessos na Carreira, fogem a vista, perdem os sentidos, e estão quase desmaiados.

A vista e grandeza de montanhas pedregosas, lagos, e dezertos, não hé communmente distinguivel por muitas pessoas; estes objectos requerem conhecimento, costume de reflexão, modo de phantasiar, e exercicio de affeição no humano, para interpretar os characteres em que a Natureza lhe falla ao coração, e imaginação. Vejamos em frente, de lugar elevado e descoberto, o Sublime, e o Commando de respeito silencioso: suberbos rochedos alcantilados; cavernas solitarias, entufadas de arbusto pendurado como ornamento sobre seus precipícios; lagos intercortados, com promontorios à maneira de castellos; amplas solidoens de valles não arados nem trilhados; ruínas gigantescas, e sem nome; longos ecchos repetindo o grasnido d'aguias; e o susurro de cascatas, cujas correntes se despenham por entre rochas em profundo lago que desce manso, e em cujas margens cavernosas, as feras e reptis tem azylo. Com este prospecto, parece que falla a magnificencia com commando e respeito; e só aquelles que sabem interpretar sua linguagem, melhor conhecem sua belleza. A sympathia do presente e passado, pelo que pertence à os habitantes suppostos de tal regiaõ, hé o que conduz seu interêsse; e os sentimentos daquelles que vêm esta scena, são em proporção exactos, segundo a força de suas imaginaçoens e affectos sociaes. Daqui procedem as impressoens do retiro, e simplicidade primeva; dos rusticos poetas e philosophos communados com a natureza, e distantes da perseguição e malignidade da ordem do mundo; e finalmente, a sublime impressão do Poder que amontôa e conserva estes massiços ingremes e separados, como em competencia, uns com outros; mostrando o desamparo e esquecimento em que jazem pelo fado ou pelo destino dos seculos.

VEJAMOS por outro modo as idéas e emoçoens que sentimos, de prazer e tristeza, gloria e pena, com a lembrança ou descripção de um objecto sublime, bello e admiravel, postoque nunca vimos em sua realidade, mas lemos, e ouvimos; e parece sufficiente para excitar nossa sympathia, relativa à belleza e grandeza de outros, em proporção ao nosso conhecimento e gosto.

BABYLONIA, essa maravilha do mundo, (à cuja grandeza ainda não chegou a Arte, ou humano poder;) fundada por Semiramis, e aperfeiçoada por Nabucodonosor; situada em vasta Campina, e banhada pelo rio Euphrates. Encerrada em perfeito quadrado de 20 legoas, com muralhas de 80 pés de grossura, e 350 de altura, rematadas com 150 torres em iguaes distancias; e das quaes era avistada toda a região em circumferencia. Cem portoens de bronze guarneciam os lados das muralhas, por onde se-via multidão de povo de todas as naçoens, passeando e cruzando sincoenta grandes ruas que atravessavam a cidade; e no encruzamento destas, 600 largas praças, suberbos palacios e delectaveis jardins. O Euphrates passava pelo centro da cidade, sobre o qual havia uma ponte de admiravel arte: nos seus extremos, Leste e Oeste, dous palacios; junto ao primeiro mais antigo, estava o templo de Bello; e do centro se elevava uma pyramide mais prodigiosa que a do Egypto, de 600 pés de altura, composta de oito torres, uma sobre outra; a ultima, dedicada à celebração dos mysterios principaes; de cujo capitel os Babylonios observavam os movimentos dos Astros, que era o seu estudo favorito, e pelo que se fizeram famosos.

O palacio mais moderno, ao Oeste, comprehendia oito milhas em circuito: seus famosos jardins aéreos e de abóbedas, que tantos eram os terraços um sobre outro, à maneira de amphitheatro, igualavam a altura das muralhas da cidade. Toda a machina era sustida por arcos sobrepostos,

tudo lageado de largas pedras bem cementadas, lastradas de bitumen, e tijolos; e por cima do lagedo, grossas pastas de xumbo para ser impenetravel à humidade; e o fundo de terra que era bastante para grandes arvores. Passeios extensos, quanto a vista podia alcançar, ornavam estes jardins, bastecidos de flores e arte exquisita; canaes, tanques, aqueductos, regavam e adornavam este lugar de deleites.

ESTA magnificencia, splendor e belleza, sómente com o lér, nos excitam vivas emoçoens de prazer e gloria; mas são logo mixturadas de tristeza e pena, pela perda do objecto; o mesmo que succede com a lembrança de outros monumentos da Antiguidade, à que devemos tantas emoçoens sympathicas, pelas historias que lemos; assim como a educação dos livros classicos, onde apprendemos a formar idéas, e objectos de todo genero, e a sympathizar com elles, segundo nossas applicaçoens e sentimentos. O Antiquario ama conservar no seu gabinete uma collecção de reliquias daquellas primeiras idades, como crendo, pelo louvavel das historias, serem aquelles mais sabios ou mais venerandos, tempos, do que o presente em que vive. A pompa, o heroismo e patriotismo daquelles tempos, figuram-se diante dos seus olhos, mitigados pela obscuridade em que estão envolvidos, e pelo que se-fazem mais attractiveis à imaginação; pois indaque ésta idéa lhe-cauze alguma tristeza, serve ao mesmo tempo de estimular sua phantazia.

DE todos estes principios hé evidente, que a belleza ou sublimidade de objectos externos não hé outra cousa que a reflexão de emoçoens excitadas pelos sentimentos ou condição dos seres sensiveis; e que hé produzida juntamente por algumas causas, v. g. de amor, alegria, compaixão, respeito, ou terror, que tem adherencia aos objectos presentes na occasião das emoçoens.

PASSEMOS a considerar a alegria e prazer que causa um

Prospecto picturesco, observado em larga planicie, e de lugar elevado. Verdes prados florescentes, intermalhados de gado; cazas de campo e de lavoura, terras cultivadas; pastos, arvoredos, jardins; suas divizoens formadas de grandes e pequenas arvores vegetantes; canaes ou rios serpentinicos, e navegaveis, para o commercio interno; pontes de arcaria, ou de madeira, movivel sobre exo; e paquetes a conduzir povo para differentes lugares. A um lado deste prospecto circumferencial, o rio anchoradoro, sua barra, e grande parte de mar, mostrando embarcaçoens que entram, e que sahem; e em contraposição à o outro lado do rio, longo Isthmo suavemente elevado, e formando outro prospecto picturesco. Da parte de terra, em meio circulo, outro scenario elevado se apprezenta, interlaçado de edificios, prados, campinas, gado, e toda variedade de objectos; o que tudo inculca splendor e conforto de vida. Neste Prospecto há sem duvida muita belleza, não na mixtura de côres, mas na pintura de felicidade humana, que se-prezenta às nossas imaginaçoens e affectos, pelos signaes viziveis de conforto e gozo pacifico; pela successiva industria que nos assegura sua continuacão; e outras muitas imagens relativas, que podem suscitar em nossos sentimentos.

NÃO há pessoa que deixe de ter particular sympathia com certas scenas, cançoens, ou livros, e que não sinta sua belleza e prazeres, movidos por connexoens. Por exemplo, a vista da caza ou lugar em que nasceo, da escola em que foi educado, e onde passou os alegres annos da sua infancia. Estes objectos lhe-trazem à memoria tantas imagens de felicidade e affeição passadas, com tão longa serie de sentimentos, que outra qualquer scena apenas lhe-pode ser tão interessante.

QUE impressão sentimos nós, com a vista ou scenario da Primavera. O delicado verde de que a terra está revestida,

a fraca textura das plantas e flores, a nova criação dos animaes entrando para a vida; e o resto do Inverno ainda como vagaroso pelos bosques e outeiros; tudo conspira a infundir em nossos entendimentos um certo que, daquella receosa ternura com que olhamos para a infancia dos sêres. Que innumeraveis são as idéas em nossa imaginação com este sentimento! Ellas não se-limitam á scena diante dos olhos, nem à destruição que pode vir sobre sua belleza infantil; mas sim, que involuntariamente se extendem à analogias com a vida humana, e que suscitam imagens de esperança ou temor, as quaes, conforme nossas situaçoens particulares, dominam nossos coraçoens! A belleza do Outomno hé acompanhada de similhantes sentimentos: as arvores commecam a despir-se, ou a decahir segundo o clima; os arbustos e flores, que no Veraõ adornavam os campos, vão fenecendo; as grutas, florestas e mattas, em tranquillidade; o mesmo Sol parece gradualmente encurtar sua luz, ou enfraquecer o seu poder. A idéa subsequente da approximação do Inverno; quando vemos os campos, a cidade, e tudo em circumferencia coberto de neve, e como despovoado, similhante aos dezertos d'Arabia; appresentando unicamente as arvores myrradas e denegridas, e os edificios como se estivessem deshabitados! Qual hé o humano, que nesta estação não sente effeitos de melancolia? Qual hé o que pode resistir à cadêa de pensamentos, com a vista de tal declinação e seu seguimento, que por justa cauza o conduzem à solemne imaginação do inevitavel fado da vida, do imperio, e da mesma natureza?

MILHAR de analogias são na verdade suggeridas ao nosso entendimento pelos mais familiares aspectos de natureza. O amanhecer e anoitecer do dia nos-appresentam a mesma pintura da mocidade e velhice, como as diversas estaçoens do anno. O murxamento das flores nos-figura o

decahimento da belleza; o estrondo das aguas em despenho, parece assimilhar-se à voz de lamento ou violencia; e o brando murmurio, á voz de alegria e innocencia. A puridade e transparencia d'agua, ou do ar, expressa puridade mental e louçania; e quando turvos, tristeza e dejecção. Todas as formas de delicadeza e brandura de character suggerem idéas de flexibilidade e elegancia. Rápido e impetuoso movimento parece emblematico de violencia e paixão; porém quando vagaroso e estavel, de deliberação e dignidade. O grande e massivo edificio nos-dá idéa de firmeza e constancia de character; empinado rochedo batido pelas ondas, de fortaleza em adversidade. A noite estrelada e de luar, em lugar silencioso, nos-move à pensamentos tranquillos e de serenidade; e o sol brilhante em dia claro nos-imprime exultação vîgorosa, e ambição de gloria.

NAõ hé difficultoso, com assistencia de linguagem, mostrar a õrígem de todas estas associaçoens, e mil outras; mas hé necessario, em todo cazo dar attenção, e sentir, antes-que concebamos ser o objecto sublime ou bello. As côres são alegres ou graves: as moçoens são espiritosas ou delibeadas; formas, delicadas ou modestas; sons, animados ou tristonhos; prospectos, agradaveis ou melancolicos; e muitas outras phrases da mesma significação, que todas mostram os principios donde hé derivado o nosso interesse no objecto.

Poucos objectos são mais formosos que o romper da Aurora ou o sahir do Sol, e o seu occaso, vistos em campo aberto, ou sobre o mar; como tambem o sahir da Lua, segundo dia depois de chêa, avistada por detraz de uma floresta de altas arvores entrexadas, e despidas pelo inverno.— Este contraste das duas cores unicas; claraõ do planeta, e obscuridade da floresta, por onde se intermalha o splendor do primeiro, não hé pouco tocante em campina solitaria.— Ainda uma columna de fumo, subindo d'entre arvores, em

dia sereno ; ou uma choupana avistada em lugar dezerto ; sendo estes objectos taõ communs, causam grandes emoçoens aos viandantes, anciosos de repouso, por que lhes excitam ideas de interesse e conforto humano. Sómente os viajantes conhecem as emoçoens que sentem, quando avistam terra, depois de longa viagem de mar ; o que não podem sentir nem imaginar aquellesque nunca embarcaram.

A musica tem poder de attrahir e excitar nossos affectos ; se hé pathética, estas seraõ as emoçoens ; e se hé espiritosa, este será o affecto. Uns amam a musica alegre ou guerreira, como mais propria e commun a excitar paixoens vivas, e affectos que enthusiásmam o espirito com amor de gloria, prazer e poder ; por exemplo, grandes overturas à todo instrumental, marchas ao som de instrumentos bellicos, &c. Outros amam a musica séria, e majestosa, porque infunde alegria, respeito, ou veneraçãõ ; e com tudo, ambos estes generos de composiçaõ dependem da harmonia e sons accordes da mesma arte, além da boa distribuicãõ das partes componentes, que os professores intelligentes melhor conhecem. O genero de composiçaõ pathetica, como scientifica e mais grave, não pode entrar em gosto popular, pela razaõ, de sua sublimidade, e delicadas bellezas ; e aquelle genero de composiçaõ alegre, por ser mais corrente e espiritosa, hé muito mais facil para excitar emoçoens de alegria. A musica pathética excita este mesmo affecto correspondente ao seu character ; mas ainda assim, quam differentes saõ as emoçoens que cada um dos ouvintes sentirá na expressãõ della ; parece que sem duvida seraõ relativas às suas circumstancias. E se estas emoçoens, patheticas ou alegres, pelo poder da musica instrumental ou vocal, podem ter o epitheto de bellas ou sublimes, ellas se referem aos objectos representados, sobre o principio de sympathia com os sentimentos humanos.

O uzo de linguagem hé adquirido taõ cedo na vida, e practicado em communs occasioens com taõ pequeno estudo ou cuidado, que parece ao rude, assim como ao povo commun de qualquer país, ser antes um poder inherente da nossa natureza, do que acquisição de trabalho ou estudo; e nessas mesmas occasioens, este uzo hé considerado como arte naõ mais expressiva do que o canto dos passaros, ou o grito dos animaes. A descoberta de escrever parece haver naturalmente conduzido à composião em prosa e verso; e devemos confessar que para ler qualquer sorte de composião, hé necessario conhecer o sentido e o pensamento do periodo, ou discurso, antesque possamos modular a voz com propriedade em pronunciar; porque depois disto, hé entaõ facil dar a justa modulaçaõ ao sentido, assim na prosa como no verso; o que naõ pode ser perfeitamente recitado, sem o conhecimento de sua structura.

AQUELLES que naõ estaõ accostumados a observar e reflectir sobre os objectos que se prezentam à vista, apenas podem ver belleza em cousa alguma, pela frieza de suas imaginaçoens, pela falta de attençãõ, ou ainda de conhecimentos; quando outros, accostumados attender à os objectos, sentem as emoçoens que este ou aquelle pode suggerir-lhes, segundo suas affeiçoens e circumstancias. Uns tem sympathia com prospectos romanticos, outros com picturescos; uns com a multidaõ e tumulto, outros com o retiro ou solidãõ; e assim, cada um sente differentes emoçoens à vista do mesmo objecto, em proporçaõ aos seus conhecimentos e costumes.

CONSIDEREMOS um jardim espaçoso com arvoredos e passeios intercortados, todo illuminado à noite; com milhares de luzes de varias cores. No centro, um amphitheatro de musica instrumeatal e vocal, de 60 à 80 psofessores; orna-

do e coberto de luzes em copos, com differente tinctura, desde a cupla até abaixo; os passeios, arvores, e quase toda a extensão do jardim em similhante forma; varandas, e fileiras de camarotes abertos para refresco, e repouso; uma caza, no mesmo andar do terreno, elegantemente ornada, em cujos salloens há duas pequenas orquestras de instrumentos de sôpro, para interter os spectadores; além de outra pequena orchestra de curiosos no corpo do jardim, retirada à um lado. Milhares de povo de toda qualidade e condição, passêam, em continuo giro pelo jardim e pelos saloens; além dos que se intertêm em dança à cada passo, e outros em repouso. Depois de acabada a musica séria do grande amphitheatro, segue immediatamente pequeno artificio de fogo; e depois deste, uma vista de cascata d'agua, como em camera optica, e por ella atravessando coxes e carros; além de outros objectos interessantes, como pontes, e moinhos de vento laborando, &c. A um extremo do jardim estão bosques obscuros; lugares proprios de reflexão e retiro; ou fabulosamente, hé um contraste do Lethes com os Elysios. Em toda esta aluviaõ de prazeres ou desenvoltura, se deleita a voluvel multidaõ, quase toda noite.

A vista desta descripção, pelos objectos de belleza que em si contém, de sêres animados e inanimados, do mixto de côres, e sons, de natureza e arte; que idéas, que alegria, e que transportes não sentirá cada um, quando tantos objectos de uma vez se apprezentam, para excitar suas imaginaçoens? Sem duvida, hé necessario ver um tal spectaculo, para cada um melhor sentir os effeitos. Aquelles que estão accostumados a pensar, combinar, e analysar simplices objectos, muito mais bellezas podem descobrir e sentir na profuzaõ de tantos. A transparencia e refracção que fazem as luzes em copos com diversa tinctura, por entre as folhas das arvores, de cima até abaixo, (observada pelo curioso

sensível) hé uma belleza a mais innocente e delicada, pelo contraste das côres contra o verde sombreado, que talvez bem poucas pessoas dêem attenção a uma tal filagrana; ou que por isto mesmo ainda observando, sintam algum prazer ou emoção.

Hé justo mencionar o seguinte. Um observador instruído, depois de haver estado no Continente da Europa, sendo informado deste Spectaculo, e prevenido já de ideas de experiencia e gosto; ao entrar a primeira vez para o corpo da alluviaõ de luzes, e brilhantismo do todo magnificante, rompeo com dizer, ‘bravo, hé mais do que eu pensava;’ e não podia conter-se sem continuar a declarar suas emoçoens de alegria, prazer e admiração. A isto exclamou outro;—aqui vemos o Terreal dos mortaes; ou os fabulosos Campos Elysios! o primeiro humano, certamente, não pôde sentir tanto no jardim de Eden. Como? replica outro; como podia elle sentir tanto; se, estranho e solitario, apenas com uma companheira, mal atinavam pensar um Creador que os formou? Ali, só a Natureza lhes fallava, sem articulaçoens; e elles emmudeciam: aqui, falla o homem, falla a natureza, e a arte; e todos, em vivo prazer communados, vivificam, se-alentam, e se-transportam. Estas são as emoçoens e sentimentos daquellesque sabem reflectir, ainda sobre objectos os mais simples.

UMA scena desta natureza, onde os concomitantes são numerosos, não pode deixar de excitar e suggerir impressoens do mais vivo prazer e conforto. Aqui apparece a concordia, a amizade, uniaõ, e a mesma igualdade; tudo indica alegria, vivacidade, harmonia, graça, e belleza. O splendor das luzes, e sua variedade de côres por entre as arvores, sorprendem; os sons harmoniosos, e a melodia instrumetal e vocal, como seclusa em bosque, rebatam; a concomitancia dos humanos, em profusa elegancia e phantazia, encanta;

e hé de crer que todos sentem os mesmos affectos e paixoens, suggeridos pelas associaçoens de tantos objectos ao mesmo fim.

A arte gymnastica, de exercitar forças, teve grande uso entre os Gregos. Hercules, Castor e Pollux, Ajax e Ulysses, foram os maiores luttadores na Grecia; e Thesêo excedeo a estes, o qual pôz escollas publicas, à que chamavam escollas de Palestra e Gymnasia. Nellas se exercitavam a vencer o seu adversario ao jogo de braços, ou de punhos fechados; a lançar barras de ferro, e lanças à grande distancia; e tambem no exercicio de correr. Depois de longo tempo, começaram a erigir magnificos edificios de grande despeza, divididos em tres partes; isto hé, um Peristylo, lugar rodeado de uma fileira de columnas por dentro; um Xysto, ou Circo, lugar plantado de arvores; e um 'Stádio, que era um passeio, cousa de 20000 passos de extensaõ e curvo aos dous extremos. O Stadio era determinado para os exercicios de lutta; e o Circo para os carrinhos e cavallo de carreira.

Os Romanos degeneraram a curiosidade desta arte ou exercicios, de modo que deo pouca honra à sua polidez; poisque os dous Brutos, Imperadores, ensinavam e tinham prazer de ver os gladiadores jogarem à espada na mais barbara forma. Este contagio passou à Grecia por Antiocho rey da Syria, e practicado por todo o imperio Romano; atéque, Constantino o Grande deo fim a esta practica selvagem. Depois de tempos, os combates gymnasticos, que preservavam a adoraçã dos falsos deoses, tiverã o mesmo fado.— Com tudo, ainda hoje, em paizes civilizados, hé permittido o combate de murros, e de canelloens entre dous adversarios; atéque um ou ambos elles etejam amaçados, exanguidos, e já sem forças para continuarem a lutta. Ao que numerozo concurso tem o prazer de assistir. Em França fize-

ram uso dos giros ou rodeios; Em Espanha e Portugal, Combates de touros. Este divertimento consiste em presenciar o martyrio e a morte de uns poucos de touros, primeiramente farpeados, enfezados, e fatigados, cada um por sua vez; atéque por fim, quando ja desalentada a victima, desmonta-se o cavalleiro seu antagonista, e lhe-crava a espada no coração. A este momento, chovem os vivas, e a traquinada de palmas, pelo triumpho contra o miseravel encurrallado animal! Mas isto não hé tudo; (além dos accidentes de quedas, braço ou perna quebrada, quando succede o touro saltar sobre a trinxeira do amphitheatro contra o povo) hé ainda acontecer a bem facil desgraça, de ser o mesmo antagonista esmagado debaixo do seu cavallo repulsado pelo outro animal enfezado! Pelo contrario, quanto hé mais agradavel e burlesco, ver o uso e destreza com que os Campinos, no Sul d'America, sem amphitheatro, nem curro, mas sómente à cavallo, ou à pé, atiram o laço de uma longa corda conservando na mão o outro extremo, sobre o vigorozo e livre animal, que, sendo enlaçado pelos xifres, o antagonista lhe dá uma contra volta, e hé logo derribado. Ou tambem por outro modo; tendo a corda uma ou duas balletas de ferro, prezas em um extremo, e extendida esta pelo razo da terra, prende o touro pelas pernas, e hé logo revirado. Nesta sorte de spectaculo, não há sangue nem morte, nem accidentes immediatos.

Os Gregos e Romanos uzaram deificar tudo o que exercita imperio entre os homens; tudo o que move sua attenção e respeito; paixoens as mais nobres e tyranas; talentos e força, felicidade e mizeria; amizade, odio, vingança, e ainda furia. As virtudes e os vicios tiveram seus altares; e entre estas divindades, para satisfazer nossas phantasias e caprixos, procuramos exercer certos prazeres, como para influir gosto em geral; isto hé, o *Gosto da Moda, e Costumes*.

ESTA deosa, Moda, hé cegamente adorada, não sómente na idade folgazona, mas ainda no tempo da razão; à quem todos pagam homenagem, e obedecem aos seus caprixos; seja por uso, costume, gosto, ou moda; seja em publico ou particular; tenha ou não approvaçãõ, para persuadir com graça e harmonia aquillo que pretendemos representar!

DEPOIS da descripção de um jardim nocturno illuminado, com milhares de pessoas de toda condiçãõ, e differentes orchestras de musica, &c. consideremos agora outro, diurno, e positivamente desenhado com toda a elegancia da arte, para Passeio publico; e para onde concorre multidãõ a mais brilhante e polida. Avistado este ao longe da grande entrada, o spectador fica absorto com a idéa da grandeza e belleza, do picturesque e romantico mixturado; e assim encantado, rebata sua imaginaçãõ aos jardins dos Campos Elysios, tão decantados pelos antigos poetas; cuja vista do mesmo nome apparece ao extremo do longo prospecto. Aqui, os admiradores do entitulado bello séxo não podem resistir as emoçoens que sentem, pela concomitancia dos sêres animados, onde tudo hé competencia entre as Cyprias, e seus seguidores; pelos meneios e ar desembaraçado com que passèam, e pelas maneiras mais engenhozas com que se insinúam.

OUTRO jardim se-apprezenta, cujo grande passeio central hé encantador. Os cimos das nobres arvores, continuadas de ambos os lados, inclinam seus ramos, e se-enlaçam com tal expressãõ de ternura, que serve de liçãõ: neste jardim, uns se-intertém sentados, outros passeando; uns junto à margem do rio, e outros mais além por outra rua sombria; todos em trajes da mais elegante moda, que pelo brilhantismo do gosto, cega a vista: tudo isto causa um attractivo de bellezas da arte e natureza, quanto pode encantar os olhos e a imaginaçãõ. Toda a grupa, nesta parada, parece

animada pela unica idea de agradar e conquistar: todos se inculcam, e tudo hé mechanismo.

MAIS além se apprezenta outro jardim, que pela sua simples natureza, e garbo das frondosas arvores, convida os genios racionantes. Para este concorrem os literatos, politicos, e entendidos em geral: uns intertendo tempo, outros pensando, e outros communicando suas aventuras. Nesta diversidade de lugares, cada-um procura excitar ideas, relativas ao seu gosto, e conforme seus sentimentos; por que para muitos, as montanhas e rochedos escalvados, assim como terras dezertas, parecem o jardim de Eden restaurado; para outros, aquelles da Babylonia, estupendos pela sua architectura, ou aquell'-outro illuminado, e em confuso encanto variavel, parecem chiméras; o mesmo que succede a respeito de pinturas, pela variedade de suas côres, onde cada-um sente differentes affectos, seja elle ou não amator, ou conhecedor da arte; pois ainda entre os mesmos mestres desta, há diversas opinioens de gosto, pelos seus adoradores. Similhanamente, em Theatros; muitos são rebatados com representaçãõ tragica, ou séria; muitos com jocosa; e outros com o mimico, ou grutesco.

AQUELLEQUE se propoem a viajar, com a mira de ver, observar, e augmentar suas ideas, deve consequentemente adquirir gosto refinado, pela innumeravel multidaõ de objectos que à cada passo se-presentam à sua vista, e que lhe produzem combinaçoens as mais sensiveis em sua imaginaçãõ, pelo contraste de suas associaçoens: elle vê e observa com attençãõ, elle reflecte, e sente as impressoens cauzadas pela concomitancia dos mesmos objectos. Mas aquelleque se poem à longo caminho, com o fim de chegar e concluir qualquer designio, passa pelos objectos insensivelmente, e de gosto não entende, porque sua idea hé ver o fim do seu negocio; e indaque outro queira fazelo attender à bellezas

de objectos à vista, elle recuza, ou taes bellezas não conhece: hé evidente que, o mechanismo. ou faculdade de gosto, hé conforme o mechanismo das ideas de cada-um.

EXTRACTO III.

A Natureza convida ao estudo e admiração das suas obras a toda pessoa de qualquer idade, em todo o mundo; e inda que os seus thezouros estão reservados para as pessoas de genio, há ainda muitos outros para aquelles que são menos literatos; os quaes páram à cada passo para admirarem e contemplarem as bellezas de suas producções.

INDA assim, a maior parte do genero humano, no mundo civilizado, ólha a Natureza com indifferença, e admira unicamente a grandeza de simesmo; sem reflectir nos objectos de gloria van, opinioens incertas, victorias sanguinosas, e trabalhos inuteis, em que se emprega; e sem attender à providente Maen, que infatigavel produz e reproduz todos os meios para sua felicidade!

EXAMINANDO nós os objectos da natureza, a primeira idéa que temos, hé procurar sua conformidade para gratificar nossa razão. Hé por meio das conformidades da natureza, relativas à tudo que existe, que o homem tem formado sua razão. Os objectos mais materiaes não podem apresentar-se à nossa vista sem estas relações de conformidade. Uma gruta rustica, por exemplo, ou um rochedo alcantilado, agrada ou desagrada, conforme as idéas de repouso ou segurança, da perspectiva ou precipicio, que nos-inspira.

Todos os animaes vem ao mundo, dotados com sua industria particular; mas o homem necessita adquirir a sua, com o trabalho de longo tempo, e reflexão. O homem ex-

cede os animaes, não sómente unindo a si o instincto ou intelligencia dada àquelles, mas tambem pela sua capacidade de subir ao Principio de todas as conformidades; quero dizer, ao mesmo Deos. Na realidade, o unico character que essencialmente distingue o homem dos outros animaes, hé ser religioso.

NEM-UM animal participa com elle desta sublime faculdade, que deve ser considerada como o principio da intelligencia humana. Por meio desta hé que elle se habilita a formar a idea dos planos geraes da natureza, e a suppôr uma ordem de cousas, que receberam fraca similhança do seu Autor. Hé por esta faculdade que elle pôde fazer uso de fogo para suas necessidades; pôde cruzar os mares, dar nova face à terra pela agricultura, sujeitar todos os animaes ao seu imperio, estabelescer sociedade sobre a base de religião, e transportar-se à Divindade por suas virtudes. Não foi a Natureza, como ordinariamente dizem, que primeiro mostrou Deos ao homem; foi um sentido da Divindade no homem que lhe mostrou a Ordem da Natureza. Os Selvagens foram religiosos, muito antes que fossem naturalistas. Assim, pelo sentimento desta conformidade universal, o homem hé tocado com todas as outras possiveis, ainda que lhe-sejam estranhas. A historia de um insecto lhe interessa; e se elle não dá attenção à todos os insectos que o rodêam, hé porque não percebe suas relaçoens.

UMA serie de conformidades, que tem um centro commún, constitûe ordem. Há conformidades nos membros do corpo de um animal; porém ordem existe sómente no corpo. Conformidade pertence ao detalhe; e ordem á combinação. Ordem dilata nosso prazer, collegindo grande numero de conformidades, e dando a estas uma determinação central, que mostra de uma vez a principal conformidade em um objecto.

AGRADA-nos, por exemplo, ver a forma e propriedades de uma abelha, em contrariedade às da môsca; em cuja primeira achamos o grande beneficio do seu trabalho tão util ao homem. Se considerarmos a infinidade de insectos, peixes, quadrúpedes, e pássaros, cada genero em suas diferentes especies, conceberemos a extensiva esphera de conformidades toda em ordem; e veremos que o homem sómente occupa o centro.

Do sentido desta ordem geral, nascem dous sentimentos; um que nos-leva imperceptivelmente ao seyo da Divindade, e outro que nos-torna à percepção de nossas necessidades: o primeiro nos-mostra uma causa infinitamente intelligente, e fóra de nós; o segundo como ultimo fim, um ser bem limitado em nossa propria pessoa. Estes dous sentimentos caracterizam os dous poderes, isto hé, do espirito e do corpo, de que o homem hé formado.

A Natureza oppoem sêres um à outro, em ordem a produzir conformidades entre elles. Esta ley tem sido publicada desde as primeiras Idades do mundo; pois, não fazendo o Creador cousa alguma imperfeita; aquella que nos-parece tal, essa estabelece o bem de outra.

CONSIDERO esta grande verdade como a chave de toda philosophia; bem como aquella outra verdade,—‘Cousa nenhuma foi creada em vão.’ Este hé o principio à que chamamos *Gosto*, em artes e eloquencia. De objectos contrarios nascem os prazeres da vista, do ouvido, do olfato, do paladar, do tacto, e de todas as attracçoens de belleza de qualquer genero. Porém, de objectos contrarios tambem procede fealdade, desagrado, e todas as sensaçoens que nos-causam desgosto. Como hé admiravel, que a Natureza empregasse as mesmas causas para produzir tão differentes effeitos? Da opposição de objectos contrarios nasce desagrado; e da sua uniaõ rezulta harmonia.

OLHEMOS para a Natureza, e tiremos provas desta grande verdade. Frio hé opposto à calor; luz à obscuridade; terra à agua; e a harmonia destes contrarios produz effeitos os mais delectaveis: porém se o frio vem logo depois do calor, ou o calor depois do frio, a maior parte de vegetaveis e animaes padecem. A luz do Sol hé agradavel; mas se uma nuvem denegrida interrompe o lustro dos seus rayos, ou della sahe a chama vibrante do relâmpago; os olhos sentem. Se as explosões da terra, ou do ar, são interrompidas por intervallos de silencio; o horror de tremenda tempestade se augmenta.

A Natureza, da mesma forma oppoem, nos mares, as espumas das ondas agitadas aos rochedos, para anunciar aos navegantes o perigo de cachopos; além de outras formas análogas à destruição, taes como, embarcações viradas, seus destroços, &c.

NA terra, vemos que ella emprega signaes de agouro para mostrar os characteres dos animaes perigosos. O leão, vagando pelas solidões, dá signaes de si pelos seus hurros, e pelos olhos scintillantes na obscuridade. Durante o Inverno, os huivos dos lóbos nas mattas, parece o zunido dos ventos contra as arvores; a gralhada das aves rapinas, e o triste som de outros animaes, são outros tantos signaes de horror e destruição.

PORÉM quando dous objectos contrarios de qualquer genero se ligam, a combinação produz prazer, belleza, e harmonia. O instante de sua uniaõ ou contraste, eu chamo, (diz o autor,) *expressaõ harmonica*. Este hé o unico principio que tenho percebido na natureza; porque os mesmos elementos não são simplicies, como vemos; elles sempre apresentam accordes ou uniaõ de dous contrarios, para análises sem fim. Para resumir algumas das instancias antecedentes, diremos, que as temperaturas mais benignas e fa-

voraveis à toda especie de vegetação, são aquellas em que o frio eo calor se-moderam, isto hé Primavera e Outomno; quando entaõ as arvores recebem succulencia, que o mais forte calor do Veraõ não lhes-dá. A luz e a obscuridade, naquelles periodos de tempo, quando se-mixturam, formam o que os pintores chamam claro-oscuro, ou meios claros: por esta razaõ, as horas mais interessantes do dia são as da manhã e da noite; quando a sombra e a luz fazem contraste, e nos-mostram o azul da abóbada celestial. Os prospectos mais encantadores são aquelles em que a terra e mar se perdem entre si, como observou Plutarco; pois sem duvida jornadas pelas prayas, e viagens pela Costa, ao longo da terra e agua, são as mais encantadoras, pela grande variedade de scenas e objectos em competencia actual. Estas harmonias tambem achamos, pelo que toca os prazeres do paladar, e do ouvido.

Os naturalistas nos-dizem, que as côres são refraçõens de luz sobre corpos, como está demonstrado pelo prisma; que quebrando um rayo do Sol, o decompõem em sete rayos coloridos da maneira seguinte; Encarnado, côr de laranja, amarelo, verde, azul, azul-ferrete, ou côr de anil, e roxo. Estas são, conforme a opiniaõ, as sete côres primitivas.

DEIXANDO de parte o definir côres, ou explanar sua origem; hé evidente, em primeiro lugar, que quatro dellas são compostas; porque a côr de laranja hé formada do amarelo e encarnado; e a côr de anil, não hé mais que uma tinctura de azul sobre-carregada de preto. Isto reduz as côres solares à tres primordiaes, amarelo, encarnado e azul; às quaes, se accrescentamos branco, que hé a côr de luz, e preto, que hé a privaçaõ daquella, teremos sinco côres simples; com as quaes podemos compôr todas as sombras imaginaveis.

EM vez de examinarmos as côres em um prisma de vidro, as consideraremos nos Ceos, e nelles veremos as cinco côres primordiaes, isto he; branco, amarelo, encarnado, azul, e preto ou obscuro; além dos mais graus ou sombras intermediatas às mesmas.

EM noite de Veraõ, quando o firmamento esteja sereno, e unicamente se perceba alguns vapores subtis, sufficientes a obstruir e quebrar os rayos do sol quando atravessam as extremidades da nossa atmosphéra, ponha-se o instruido ou curioso em um campo aberto, onde os primeiros fogos da *Aurora* sejam perceptíveis, e verá o Orizonte primeiramente branquear-se no lugar onde esta deosa fabulosa faz a sua apparição; e este genero ou natureza radiante, pela sua côr, teve o nome de *Alva*, que significa branco, *alba*. Esta brancura sobe insensivelmente aos Ceos, e, poucos gráus acima do orizonte, toma a côr amarela; o amarelo, subindo mais alguns graus, passa a tomar a côr de laranja; e esta hindo mais acima, torna-se em vivo encarnado, que se estende ao zenith. Principiando, outravez, do zenith para a parte opposta, o observador perceberá a côr de violetta seguindo a vermelha; depois a azul, entãõ a côr de anil, e por fim o obscuro ou preto bem ao Occidente.

Eu tenho observado, nas nuvens dos trôpicos, particularmente estando em viagem de mar, e em tempo de tempestades, todas as côres perceptíveis na terra. Tenho visto nessas occasioens, entre as nuvens, umas da côr de cobre, outras semelhantes ao fumo de tabaco, outras pardas, avermelhadas, negras, cinzentas, acastanhadas, côr de xumbo, e outras como as xamas quando sahem de uma fornalha. D'aquellas que apparecem em tempo claro e sereno, algumas são tão vivas e tão brilhantes, que o palacio do Graõ-Mogol, imbutido de todas a pedras preciosas, está bem longe de as igualar. As nuvens não empregadas na contex-

tura, cujo numero não hé pequeno, os véntos as sepáram para os lados da grande obra variegada; enrólam-nas em massas enormes, brancas como a neve; lançam-nas para as extremidades em forma de cintos, e as amontôam semelhante as Cordelleras do Perú, moldando-as em montes, cavernas, e rochedos: depois disto, approximando-se a noite, abate-se um pouco a sua violencia, como receósas em desmanxar a obra do seu grande artifice. Quando o Sol vem a pôr-se por detraz deste magnifico tecido, vémos multidaõ de rayos luminosos, traspassados pelos intersticios, e fazendo tal effeito, que os dous lados de cada intersticio, illumina-dos pelos rayos, parece estarem orlados com fillete de ouro; e os outros dous que estão na sombra, como tingidos de fina cõr de cravo, não muito encarnado. Quatro ou sinco lámimas de luz, dimanantes da posição do Sol, e que se-extendem ao zenith, adornam com franjas de ouro os cumes desta barreira celestial, e vão tocar com os reflexos de seus fogos as pyramides dos aérios montes collateraes, que entãõ parecem consistir de prata e vermelhaõ. Hé entãõ quando percebemos, por entre as redobradas fileiras de montes, uma multidaõ de valles, extendendo-se infinitamente, e distinguindo-se em suas aberturas, por sombras da cõr de carne ou roza. Estes valles apprezentam, em suas differentes formas, inimitaveis tincturas de branco liquidando-se em branco, ou sombras que se-extendem sem mixtura, sobre outras sombras; quando, aqui e ali, sahindo dos lados cavernosos dos montes, observamos correntes de luz precipitando-se em barras de ouro e prata, sobre róchas de coral. Em um lugar apparece um rochedo obscurecido, como furado de um lado à outro, e descobrindo pela abertura o puro azul do firmamento; e em outro, vê-se uma chã, ou praya extensiva, colorida de papoula, escarlata, e verde como a esmeralda, lançada sobre o rico sólio dos Ceos, e como mati-

zada com arêa de ouro. A reverberação destas cores occidentaes se-derrama sobre o mar, cujas cavas recebem o esplendor de purpura e açafraão. Os viajantes admiram em silencio estes prospectos aérios: suas apparencias se mudam à cada instante; suas formas são variáveis assim como as sombras; umas vezes parecem ilhas, d'outras vezes aldêas; outeiros cobertos de palmeiras, grandes pontes sobre rios, campos dourados, de ametystas, e rubins; ou para melhor dizer, são côres e formas celestiaes, que o pincel mais delicado não pode imitar, nem pura linguagem descrever.

ESTES admiraveis concertos de luzes e formas, que se manifestam unicamente na mais baixa e menos illuminada região de nuvens, são produzidas por leys que totalmente ignoro. Mas, seja qual for sua variedade, todas ellas são reduziveis à cinco cores: o amarelo parece proceder do branco; o encarnado uma sombra mais forte do amarelo; o azul, tinctura mais carregada do encarnado; e o preto, ultima tinctura do azul. Se observamos pela manhã cedo o immenso corpo de luz nos Ceos, como já disse, hé impossivel duvidar desta progressão; cinco cores com suas sombras intermediadas, seguindo-se cada uma quase nesta ordem: branco, flor de enxôfre, amarelo-limaão, amarelo-gema d'ovo, amarelo-laranja, côr d'aurora, vermelho-papoula, encarnado, carmin, púrpora, violetta, azul, azul-de anil, e preto. Cada uma destas cores parece ser unicamente uma tinctura forte da que lhe-precede; e a côr fraca, da tinctura que lhe-segue; e todas juntas, modulaçoens de uma progressão, da qual o branco hé o primeiro termo, e o preto o ultimo.

NESTA ordem, onde os dous extremos, branco e preto, ou luz e obscuridade, produzem a harmonia de tão differentes cores, notaremos, que o encarnado occupa o centro, sendo a côr mais formosa entre todas a naçoens. Os Russianos, quando querem expressar uma moça formosa, dizem,

ella hé encarnada. No Mexico e Perú, o encarnado teve a maior estimação. O melhor presente que o imperador Montezuma fez a Cortez, foi um colar de lagôstas, segundo diz Herrera. Coráes, e drogas escarlates foram requeridos aos Espanhoes pelo rey de Sumatra, quando elles ali desembarcaram a primeira vez. Hé por meio destas bagatellas que nós negociamos com os Africanos, Tártaros, Americanos, e Indianos.

DE todos os movimentos, o harmonico, ou circular, hé o mais agradavel. A Natureza tem dado este à maior parte das suas obras. Nossas campinas mostram frequentes imagens deste movimento, quando os ventos, passando sobre as seáras, ou campos de feno, formam undulaçoens semelhantes às ondas do mar; ou quando agitados com brandura, ao redor de montes, fazem que as arvores se movam em forma de circulo.

QUANTO mais moção ou rotação possûe um corpo, tanto mais agradavel parece, especialmente quando este movimento está unido à moção harmonica ou circular. Por esta razão as arvores, pouco ramosas, ou que os seus ramos são delgados, e sua vegetação depende toda do tronco perpendicular, como sejam os álamos, os coqueiros, e outras semelhantes, tem mais graça, pelo movimento de suas folhas e palmas, que outra qualquer: ellas agradam a vista pelo balanço de seus topes e brandeamento de seus corpos; e são igualmente agradaveis aos ouvidos, pela imitação do susurro dos ventos ao das aguas.

MOÇÃO hé a expressão de vida; e por esta razão hé que a natureza multiplicou as causas daquella em todas as suas obras. Um dos maiores encantos ou bellezas de um prospecto hé a vista de objectos em moção; cousa que as pinturas dos grandes mestres poucas vezes imitam; exceptuando aquellas de tempestades. Ao contrario; a inversão das

folhas das arvores, cada uma mostrando as superficies relativas à sua especie; as undulaçoens das seáras e sementeiras nos valles, e por cima das arvores dos montes; o movimento das aguas nos rios e lagos; as ondas dos espumantes mares e suas margens; flotas de embarcaçoens cruzando; além de multidoens de sêres animados de todo genero e especie, em continuo movimento; toda esta rotaçaõ de objectos taõ innumeraveis expressa a animaçaõ da mesma Natureza em suas obras.

CONSONANCIAS saõ repetiçoens das mesmas harmonias: ellas augmentam nossos prazeres pela transposiçaõ de gozo à novas scenas; e nos agradam, por nos-mostrarem que a mesma Intelligencia deve ter presidido em todos os differentes planos da Natureza, poisque nella sempre se-nos-presentam similhantes harmonias.

OBSERVAMOS na natureza frequentes exemplos de consonancias, que nos-causam ainda maior prazer do que harmonias simplices. As nuvens do horizonte muitas vezes imitam, sobre o mar, as formas de montes, e aspectos de terra taõ naturaes, que algumas vezes enganain os navegantes mais experientes. As aguas mostram no seu seyo inconstante, os ceos, os outeiros, e as florestas. Os rochedos, prayas, e lugares oppostos em alguma distancia, repetem por ecchos o murmurio e estrondo das aguas, ou sons animados.

Estas transposiçoens de harmonia, de um elemento para outro, communicam inexpressivo deleite. A natureza os tem multiplicado, naõ sómente por imagens fugitivas, como por formas permanentes. Ella apprezenta, no meio dos mares, as formas de continentes em formas de Ilhas, das quaes a maior parte, segundo vemos, tem cumes, montes, lagos, rios, e prados, à proporçaõ de sua grandeza; como se fossem outros tantos mundos em miniatura. Pelo contrario, ella representa no meio da terra os repositorios do

grande Oceano, em Mediterráneos, e admiraveis lagos, que tem prayas, rochedos, Ilhas, vulcanos, correntes; e algumas vezes fluxo e refluxo, cauzados pela effuzaõ de montes de neve, ao pé dos quaes estão communmente situados os lagos; assim como estão as correntes e as marés pelos Pólos.

SEGUE-se desta ley de consonancia, que o melhor e mais formoso na natureza, hé o mais commún e mais vezes repetido. Devemos attribuir à esta ley a variedade de especies em cada genero, que são as mais numerosas, em proporçaõ à utilidade do genero. Por exemplo, no reino vegetavel, não há descendencia taõ necessaria como a do feno ou grama, pela qual não sómente subsistem todos os quadrúpedes, mas tambem innumeraveis tribus de pássaros e insectos; e consequentemente maior variedade: notaremos igualmente, que na raça graminea, o homem achou a grande diversidade de graons nutritivos, de que tira a sua principal subsistencia; que, pelas razoens de consonancia, tanto as especies como diversos generos, estão proximos um à outro, por cujo meio apprezentam ao homem utilidades semelhantes, debaixo de latitudes inteiramente differentes. Assim, a especie de milho d'África, o milho do Brazil, o arrôz d'Asia, e o sagúm das Mollucas, cujos troncos abundam de farinha alimentaria, estão em consonancia com o trigo da Europa e do Sul d'America. Achamos consonancias de outro genero, como se a natureza tivesse intençaõ de multiplicar os seus beneficios, variando unicamente as formas, sem mudar suas qualidades. Quanto hé agradavel e benéfico, ver a consonancia que há entre as arvores fructiferas; a lorangeira, o limoeiro, a limeira, a maceeira, a pereira, o pecegueiro, e infinitas outras; considerado o genero e especies, grandeza ou pequenez de suas formas, formozura ou tinctura, e sabôr de seus fructos! Hé da opposiçaõ de contrariedades que nasce toda harmonia; hé a consonancia que attrahe, e o contraste que une os sêres.

AINDA há uma consonancia de formas mais intimas, que aquella de dous sexos, isto hé, a duplicidade de dous orgaos em cada individuo. Quando consideramos, em cada animal, dous olhos, dous ouvidos, duas ventas, e pernas e braços conforme o genero e especie, podemos dizer que cada um tem sexo correspondente.

DA duplicidade de orgaos rezulta uma utilidade ainda maior, do que se cada um delles fosse singular. Pela assistencia de dous olhos, o homem comprehende nelles mais de meio orizonte; quando, com um sómente, comprehenderia muito menos. Elle, com dous braços, pode fazer infinitas acçoens; porém faltando-lhe um, não pode pôr na cabeça um grande pezo, nem decepar uma arvore. Suspendose em um pé, elle não pode ter firmeza; nem faltando-lhe uma perna poderá andar; pois que estes movimentos são inteiramente discordantes à constituição das outras partes do corpo, e à variedade dos xaons à que está destinado mover-se.

SE consideramos o Globo terráqueo, de Leste a Oeste, vemos estar dividido em duas metades, Velho, e Novo mundo; como são todos os corpos organizados. Nos hemisphericos do leste e oeste, cada uma de suas partes corresponde mutuamente, mar à mar, ilha à ilha, cabo à cabo, península à península. Os lagos de Finlandia e o Golfo d'Archangel estão em opposição ao lagos de Canadá e Bahia de Baffin; Nova Zembla à Greenland; o mar Baltico à Bahia de Hudson; as Ilhas da Gran-Bretanha com Irlanda, que cobrem o primeiro destes mediterraneos, estão oppositas às Ilhas Afortunadas, e da Boa-Vinda, que protegem o segundo mediterraneo: o Mediterraneo, propriamente assim chamado, corresponde ao Golfo do Mexico, que hé um genero de mediterraneo formado em parte por Ilhas. Tornando ao Mediterraneo, achamos o Isthmo de Suez em conso-

nância com o de Panamá, no fim do Golfo do Mexico. Unidas pelos Isthmos, a península d'Africa jaz no Mundo velho, e a do Sul d'America no Novo. Os principaes rios destas divizoens do globo, em similhante modo, confrontam um com outro; porque a corrente do Senegal está em direcção opposta ao rio das Amazonas. E finalmente, estas duas peninsulas, extendidas em correspondencia para o Pólo do Sul, são terminadas cada-uma por um Cabo, igualmente notados pela violencia de suas tempestades; isto hé, o Cabo da Boa-Esperança, e o Cabo Le Horne.

Hé verdade que estas differentes particularidades não correspondem nas mesmas latitudes; mas sim estão dispostas na direcção de linha spiral, ladeando de leste à oeste, e extendendo-se de norte à sul, de sorte que estes pontos correspondentes seguem em progressão regular.

EXTRACTO IV.

Das Artes uteis.

HE' universalmente recebido, que para cultivar o gosto das Artes, e conhecimento com as Sciencias, hé um prazer de natureza a mais qualificada; mas para fazer isto, sem attender a sua influencia sobre as paixões e affectos, hé despir uma arvore dos seus germens, que são capazes de produzir o mais rico e saboroso fructo. A cultivação deste gosto, pode ser subordinada à mais altos designios: ella exaltaria nossos affectos, e os levaria a o amor daquelle SER que hé o Author da Natureza. Por tanto, na discussão de materias, que occupam tanto nossa attenção, e exercitam nossa ingenuidade, hé natural começar pelo mais curioso e interessante. Certamente,—

‘ O proprio estudo do homem, hé o seu similhante.’

ELLE hé o centro, em cujo circulo rodam as Artes e Sciencias, que para seu conforto lhe foram dadas,* e de que pode gozar. O entendimento, accostumado a indagar o principio das cousas, sente uma anciedade de atirar-se aos rudes e novos passos de sociedade, para saber quando rayou sobre o Universo a primeira luz das artes. Escriptores, não obstante concordarem geralmente em opiniaõ, que o homem hé um ser social, tem descrevido nas suas especulaçoens um *estado de naturexa*, o qual certamente nunca existio, senão em suas imaginaçoens; e parece haverem cahido neste erro universal, pelo dezejo de mostrarem as vantagens de sociedade em ponto de vista mais forte; contrastando-as com o imaginario estado de rudez; bem como os pintores fazem sobresahir a luz, oppondo massas de sombra; ou como a belleza da melodia se faz mais sensivel, quando succede à imperfeita harmonia, proprio resultado do bom manejo de tons discordes. Estes philosophos parece terem geralmente omittido o conhecimto, que tal *estado de naturexa*, em que elles muito se prazem considerar o homem no abstracto, nunca teve, nem pôde ter existencia actual ou physica.

Hé evidente que algumas das artes mais convenientes, de necessidade, houvessem de ser coévas com o primeiro da raça humana. Os meios de procurar sustento, vestidura, e pousada, ainda na sua maior simplicidade, envolvem certa extensaõ de conhecimento nas artes; algumas são taõ claras e necessarias, e ao mesmo tempo sua antiguidade taõ remota, que ainda tradiçaõ não nos-dá os nomes de seus inventores. No tempo em que as occupaçoens do genero humano eram limitadas à acquisiçaõ do que era necessario para existencia, não havia occasiaõ de cultivar as artes que promovem conveniencias, ou ministram luxo de vida. Porém

* A luz natural nos ensina tudo quanto podemos apprender por experiencia.

o estado pastoral depressa achou o tempo de excitar o dezejo para as artes convenientes; e o progresso da agricultura gradualmente forneceu os meios de supprir sustento para aquelles, que descansados da necessidade do trabalho, eram empregados nas artes uteis, cultivando-as depois, como para contribuir aos prazeres do homem. Consequentemente, achamos que as artes primeiro appareceram no Leste, debaixo de firmamento genial, e terra fertil. O arco e setta, necessarias addiçoens dos primeiros caçadores, são attribuidos à Scytho, filho de Jupiter; e a arte de fiar, talvez a mais conveniente de todas, hé usualmente imputada à alguns illustres inventores; v. g. pelos Egypcios à Isis; pelos Gregos à Minerva; pelos Peruvianos, no Oeste, à *Mamá Ellá*, mulher do seu primeiro soberano *Mango-Capac*; e pelos Chinêzes, à mulher do seu emperador *Yao*. Os primeiros traços em architectura foram necessariamente tôscos e simplicies; e a palhoça do selvagem excedeo as habitaçoens dos brutos mais sagazes, sómente em limpeza e accommodaçãõ. Ao estado de sociedade naturalmente succedeo o senhorio de propriedade, que necessariamente passaria a individuos positivos; ou reciprocas possessoens de diferentes tribus, umas depois de outras. Os meios de ataque e defença da invençaõ humana, sem duvida occorriam como primeiros ensayos da deshumana, *Arte de Guerra*, que talvez, depois de seculos, foi chamada *Poder do entendimento humano*, em maior gráu, que o da *Arte de Paz*. A maça, (ou bambú) e o dardo foram as primeiras armas, e talvez as pedras, à que succedeo o arco e setta. O uso de ferro foi tarde descoberto; ainda no cerco de Troya, o bronze foi mais uzado. Menesthêo, que commandou 50 embarcaçoens Athenienses naquella occasiaõ, foi o primeiro que arranjou um exercito. As primeiras fortificaçoens eram ramos de arvores entrelaçados, ou tambem estacadas, ao

que depois seguiu tósca muralha de barro, com vigias, para uso dos dardos e settas. Pericles, o Atheniense, parece foi o primeiro que inventou o vaivém, para destruir as muralhas; e este instrumento foi aperfeiçoado no cerco de Gades pelos Carthaginezes. Para defender esta invenção, foram introduzidos os parapeitos, que eram socorridos com cortinas unidas às muralhas, para segurança dos assaltos: mas, não tendo isto effeito, foram inventados os fossos, à que seguiram as máquinas para lançar os dardos; e depois flancos, e finalmente guaritas sobre os ângulos salientes, &c. Porém a invenção de peça d'artelheria cauzou grande revolução na architectura militar. Ellas fóram primeiramente feitas de barras de ferro, unidas por argólas de cobre; e o seu tamanho foi depois reduzido, pelo uso de ballas de ferro em vez de pedras: esta engenhosa e destructiva máquina foi por fim completada com metal vazado. Para resistir a sua força, empregou-se a ingenuidade na construcção de bastiões, cornetas, corôas, meias-lúas, &c. nas fortalezas: porém as artes de ataque, havendo ao menos guardado passo com as de defeza, fizeram estas pomposas invençoens de pequeno uso.

Os modernos, tem feito o experimento de associar a sciencia de politica com a tactica militar; e a natureza moral do homem tem sido successivamente empregada em converter os membros da mesma sociedade em instrumentos de mutua destruição. Sem duvida, a variedade de publica opiniaõ, tem tido maior effeito nas revoluçoens da ultima época, do que a collizaõ de exercitos.

Architectura naval.

A architectura naval (objecto em que nem um Britanno pode deixar de interessar) tem tido gradualmente um augmento, como chegado a o estado de perfeição. Os primei-

ros vasos foram construidos com troncos de páus, ajuntados e cobertos de taboas.* A estes succederam os troncos furados por meio de fogo, e trabalho, à que deram o nome *monoxylos*; (jangadas): e os Gregos formaram outros vasos, feitos de taboas fixas umas às outras, para imitar aquelles. A prôa, leme, e remos, que foram progressos subsequentes, parece haverem sido suggeridos pela idéa à imitação de um peixe. As velas foram depois addicionadas; cuja invenção hé taõ remota, que seu author hé desconhecido. Antes do meiado do seculo dezaseis, navios Inglezes, de guerra, eram construidos sem portinhólas, e tinhaõ poucas peças montadas sobre a coberta. Ainda naquelle mesmo seculo, uma viagem à India, para a parte daquém do Ganges, admittino tempo ali necessario para descarga e nova carga, era de tres annos; mas tal hé o adiantamento da navegação, acompanhada da astronomia maritima, conhecimento das monçoens, ventos, correntes, e geographia, que presente-mente as viagens são de dezoito mezes. De Bombaím e Madrás à Falmouth, muítas viagens tem sido feitas em menos de quatro mezes. Estas circumstancias, unidas com as artes de escrever e imprimir, facilitam a communicação das ideas dos homens, e mostram o rapido progresso de conhecimento nos nossos tempos, muito além das primeiras idades. Estas artes habilitam os seus propectos, pelo que comprehendem em si mesmas, à supprirem mutuas faltas, à corrigir mutuos erros; e em materias de investigação commun, à extender o conhecimento de factos, que desde os dias de Bacon, e Galiléo, tem convertido o mundo literato, de theoristas visionarios, em racionaes indagadores. E como destas, escripta e impressãõ, temos maior conhecimento, diremos alguma cousa à respeito dellas.

* Os Indios no Sul d'America, não precisaram de taboas para formar os seus primeiros vasos, chamados *Jangadas*; de que os nativos civilizados ainda hoje fazem uso para suas pescas.

Escrip̃ta.

PARA escrever, ou, de outro modo, para dar a ver os pensamentos, foi primeiro ensayado no Egypto, por meio de hieroglyphicos; e estes eraõ, figuras de animaes, partes do corpo humano, e ainda instrumentos mechânicos: quanto aos primeiros, era feita a escolha para relatar as propriedades particulares ou qualidade dos animaes; o mesmo se diz, terem elles representado similhantes qualidades nos deoses, heróes, ou outros à quem eraõ applicados. Estas imagens sendo postas nos seus templos, fizeram levantar uma especie de adoração attribuida à este povo; e esta homenagem, primeiramente feita aos mesmos heróes, foi insensivelmente transferida, sem grande violaçaõ de propriedade, aos animaes por que eraõ representados. O sentido de alguns destes hieroglyphicos ainda se conservam. A Suprema Deidade foi representada por uma serpente com cabeça de ave rapina; esta ave era o hieroglyphico de Osiris; o cavallo do rio era o de Typhon; o caõ, o de Mercurio; o gato, da lua; &c. Porém isto não foi só no Egypto; porque, aves tambem eram empregadas no Perú para exprimir idéas; por ellas Montezuma, imperador do Mexico, recebeu intelligencia da invazaõ do seu reyno pelos Espanhoes. Ali a arithmetica era composta sómente de differentes paus-zinhos coloridos. O subsequente passo, no progresso de escrever, parece haver sido a expressaõ de uma palavra, por uma só marca ou letra; e este hé o methodo dos Chinas. Elles tem mais de secenta mil destas marcas, que usam em materias de sciencia. Em lugar de uzar de marcas para representar palavras, que são quase infinitas, nós empregamos letras para representar sons articulados, que compoem palavras. O modo inferior de escreverem os Chinas, facilmente dá relação do estado de literatura entre elles; e a sua rela-

tiva superioridade à respeito das artes, sendo imitativa, pode ser adquirida por practica ou instrucção vocal. A arte de escrever parece foi conhecida na Grecia, quando Homero compoz a Iliada, e Odysséa; e os caractéres numericos, inventados em Hindostan, foram trazidos da Arabia para França, quase no fim do seculo decimo.

Imprensa.

O modo de imprimir ou figurar sobre seda e algodão, que, (segundo as relações dadas à nós pelos Jesuitas,) era practicado pelos Chinezes, muitos seculos antes de ser conhecida a imprensa na Europa, parece haver sido o primeiro passo, dado para dirigir a introducção desta arte ao conhecimento dos homens. A invenção de cartas, que principiou no fim do seculo quatorze, foi passo intermediato com a prensa. Ellas eram primeiramente pintadas; mas na era de 1400 foi descoberto o modo de as imprimir. Succederam os livros de imagens figuradas, que eram similhantemente impressos, com o texto posto ao pé, ou nos lados.

SABEMOS que os poetas gravaram seus poemas em taboas, arranjadas à imitação de grélha. Tudo isto parece serem passos adiantados do Stereotypo ou forma de lâmina, que naturalmente prepararam para o fim de imprimir; porém, a origem e historia desta invenção está em tal obscuridade, que quanto à sua introducção, particularmente neste reyno, nada satisfactorio podemos dizer. A honra desta invenção hé reclamada pelas cidades de Haerlem, Strasbourg, e Mentz; mas a evidencia prepondéra em favor de Strasbourg, onde *Guttemberg* fez certamente o primeiro uso dos typos ou letras moviveis. Hé igualmente claro, que elle depois passou-se a trabalhar de imprensa em Mentz, onde foi nascido. Os nomes dos outros competidores à honra desta invenção, foram, John Faust, de Mentz; John Men-

tal, de Strasbourg; L. J. Koster, de Haerlem. No anno 1462, quando Mentz foi tomada por Adolpho, Conde de Nassau, Faust e os seus trabalhadores se dispersaram, e a arte de imprimir veio por conseguinte à espalhar-se pelo Continente. Em Roma foi practicada no anno 1467; e no seguinte anno, dizem, haver sido introduzida neste reyno, por Bouchier, Arcebispo de Canterbury. Este mandou algumas pessoas para o Continente à fazerem-se mestres da arte, os quaes induziram a outros trabalhadores virem practicala em Inglaterra. Depois disto, segundo dizem, foi logo a prensa estabelecida em Oxford, da li removida para St. Albano, e ultimamente para a Abbadia de Westminster.—Grandes duvidas, com tudo, tem havido sobre a authenticidade destas circumstancias; porém o facto hé, que nesse tempo, e particularmente no principio do seculo dezaseis quando em Alemanha, Italia, e Hollanda, continuavam gravar sobre madeira e cobre, entã imprimiam com typos moviveis; e foi quando a arte se extendeo com rapidez por grande parte da Europa: nem esta circumstancia seria materia de admiração, quando consideramos a alteração quase immediata, que ella produzio no entendimento humano, fazendo-se accessivel à toda classe de pessoas, que como luxo ao principio, sô os grandes e ricos podiam participar.—Porém mais nós-adoramos, que no seculo dezasete houvesse entre os illuminados legisladores deste reyno, advogados que limitassem os meios de conhecimento, e progresso: homens taõ pouco noticiados com a theoria do entendimento humano, que se-oppuzeram à diffusão das letras entre as classes inferiores da sociedade. Que podemos nós pensar de homens que contestam, devermos pouco à arte de imprimir; porque produz tantos abortos literarios, e multiplica meios de propagar falsa sciencia, que hé peor que a mesma ignorancia?

Do que temos dicto, segue-se, que consideramos o Stereotypo, (chapa vazada de uma vez com as palavras de uma pagina,) usualmente conhecido pela descripção de taboas de imprensa, haver sido anterior aos typos ou letras moviveis; mas o grande adiantamento moderno, feito no stereotypo, tem quase o direito de ser considerado como novo ramo da arte. França reclama o merito da invenção; e A. C. Camus, em uma memoria lida ao Instituto Nacional, nos affirma com a authoridade de Lottin, que o stereotypo foi uzado por Vallayre, impressor em Paris no seculo dezasete; Hollandez que de certo imprimio com typos solidos, há mais de cem annos: porém duvidamos muito, se podem produzir alguma prova igual ao stereotypo de Fermin Didot. Os typos Hollandezes foi invenção de J. Vander Mey, pay do bem conhecido pintor. W. Ged começou a proseguir a arte em 1725; e em 1730 alcançou um privilegio da Universidade de Cambridge, para imprimir a Byblia, e livros de oração; mas elle achava-se inhabil a proceder com o trabalho, por causa da combinação entre os compositores e trabalhadores da prensa.— Parece, não obstante, pelas suas memorias, que em 1736 elle imprimio *Sallustius*, com a assistencia de seu filho, o qual regulava as formas no tempo da noite. Mr. Tilloch, o engenhoso editor do Magazin Philosophico, tem não somente uma copia desta obra, mas ainda uma das chapas, assim como outras da officina de Ged. Mr. Tilloch affirma, que 50 annos depois, fez uma descoberta semelhante, sem ter conhecimento algum da invenção de Ged. Em 1784, Mr. Foulis, e Mr. Tilloch obtiveram carta-patente, a qual cessou em 1798. Varias obras foram imprimidas por estes; porém, por que Mr. T. veio residir em Londres, descahiu o negocio da officina; e Lord Stanhope (pela recommendação de Mr. Elmsley, livréiro,) entrou em ajuste com Mr. Foulis, e à final conseguiu, por compra, toda informação possivel à

cerca da arte do stereotypo, para communicar ao publico, sem remuneraçãõ ou intéresse algum.

Chimica.

A arte da Chimica hé ainda mais devida às descobertas modernas, que nem uma outra sciencia. Sua importancia e utilidade são bem evidentes à aquelles que consideram a extensaõ desta parte do conhecimento humano; porém, para dar uma idéa aos nossos leitores, que ainda não tem entrado nesta ponderaçãõ, tomaremos em pequeno ponto os objectos que ella abrange, e as vantagens que podemos tirar do estudo da mesma; ou seja pela explanaçãõ de tocantes phenomenos de natureza, ou pelo augmento das artes da vida civil: pois, na infinita variedade de objectos, de que o homem deve tirar os meios do seu conforto, prazer, e ainda talvez sua existencia, esta sciencia lhe pode bem soccorrer. Se elle se conduz a indagar os reynos mineraes, o estudo e cultivaçãõ da sciencia chimica vêm a ser essencialmente necessario para o feliz progresso das suas indagaçoens. Pelo conhecimento que temos do reyno vegetavel, a chimica suppre com grande parte: esta hé a sciencia que dá relaçaõ dos phenomenos da vegetaçãõ, desenvolvimento, crescimento, madurez, e fenecimento das plantas. A natureza de diferentes cultivaçoens, necessarias para os diversos generos de vegetaveis, a influencia de luz, variados temperamentos, a natureza e qualidade humida, a preservaçãõ das sementes, raizes, e plantas; tudo achamos sobre principios chimicos.

CONSIDERANDO a applicaçãõ da chimica para o augmento das artes uteis, vasto campo de contemplaçãõ se offerece a os nossos olhos. Taõ extensiva hé, na verdade, a sua influencia. Mencionando meramente algumas destas artes, ellas nos-daraõ ampla noticia da sua utilidade; porque, na arte de extrahir metaes do estado de sua natureza, de puri-

ficar, e ligar com outro, de formar instrumentos, e utensilhos, seja para uso ou ornamento; quase todos os methodos são puramente chimicos. O essencial progresso que a chimica moderna tem introduzido nas artes de curtir, de fermentar, distillar, alvejar, tingir, fabricar vidros e loiças, &c. mostra a sua importancia e utilidade nas artes da vida civil.

PELO que respeita à historia de chimica, não hé necessario traçar aqui os principios desta arte à remotas idades. O homem certamente não poderia existir longo tempo, sem algum conhecimento de chimica; e assim como elle se-aumentou em civilizaçãõ, devia extender este conhecimento.

TUBALCAÏM, mencionado na Escriptura Sagrada como trabalhador em metal, e que hé supposto haver sido a causa da historia fabulosa de Vulcano, na mythologia antiga, hé tido por alguns, como primeiro chimico, cujo nome hé transmittido à prezente idade; e indaque o trabalhar em metaes, os modos de provocar fogo, cozer pão, fazer loiça, formar lagares de vinho e de azeite, (e outras operaçoens que devem sua invençaõ às necessidades immediatas do genero humano,) sejam chemicas, e devam ter sido coévas desde o primeiro estado de sociedade; com tudo, o mero conhecimento e practica destas artes não merecem o nome de sciencia.

UM carpenteiro pode formar uma peça maquinal, arranjada e construida exactamente como outra que elle vio, sem ter conhecimento de úm sô principio de architectura; mas o homem de sciencia, que nunca pegou em formaõ, nem goiva, ou outro ferro semelhante, observa, relata, e dá valia à operaçaõ das partes do todo; e confirma precisamente o effeito de toda a maquina. E não hé isto mais plauzível suppor, que uma sciencia, em que tanto depende a civilizaçãõ do homem, e a experiencia de seculos, não podia deixar de ser cultivada como sciencia em idade taõ remota? Não

nos-dará isto instrucção para inquirir, se Moysés, que foi versado, como dizem, em toda a sciencia dos Egypcios, e que reduzio à cinzas o bezerro de ouro; ou, se Cleopatra, que dizem haver dissolvido uma pérola; ou Noéh, que fez vinho das suas uvas; entendiam chimica, ou não? Mas, como seria imperdoavel, se não déssemos noticia dos primeiros ensayos da historia da sciencia; seguiremos, em breve, as Eras das descobertas progressivas, que conduziram ao estabelecimento de philosophia chimica.

Os Israelitas adquiriram no Egypto toda a informaçãõ, que podemos chamar chimica. Ali hé que Moysés conheceo as propriedades metalicas, a arte de extrahir azeites, a preparaçaõ de balsamos e perfumes, o tingir linho, fazer vinho, dourar, e fazer loiça, &c.

Os Phenicios foram conhecedores da fabricaçãõ de vidros, com que elles commerciam. Inventaram tambem a arte de tingir roupas de côres, com materiaes que dizem, eram produzidos de certas conchas. Elles foram sagazes em obras de metaes; faziam preciosas pedras artificiaes, perfumes, e balsamos aromaticos; como tambem descobriram a arte de preservar os fructos de vegetaveis, e plantas. Elles foram os primeiros que distinguiram os metaes pelo nome dos planetas; o que guardaram por muitos seculos.

ENTRE os Chinas, (se podemos crer seus historiadores) muitas artes chemicas foram conhecidas desde tempo immemoravel: nitro, sal-borax, pedra-hume, polvora, sulimaõ, enxofre, e outros mineraes para tinctas; como tambem as artes de tingir linho e seda, fazer papel e loiça, não eram desconhecidas a elles; além da arte de fundir metaes, trabalhar em marfim, e pontas de bôï.

Os Carthaginezes, que eram colónos dos Phenicios, aprenderam as suas artes.

MATERIAES de chimica foram achados entre os Gregos,

postoque elles tiveram conhecimento de muitas artes dos Phenicios. Os antigos philosophos da Grecia, como Pythagoras, Thales, e Plataõ, eram mais dados à cultivacão de conhecimento mathematico e astronomico, do que à sciencias philosophicas. Hé natural de suppor, que a differença evidente, e mudança de corpos que nos-rodêam, não podiam ser desconhecidas por um povo de entendimento tão philosophico como os Gregos; donde nasceo, que Aristoteles, e Empédocles ensinaram a doutrina dos quatro suppostos elementos; ar, fogo, terra, e agua.

O lataõ de Coryntho foi muito celebrado. Tyches conheceo a arte de curtir; Plataõ descreve o methodo de filtração; Hippocrates era versado no (assim chamado) methodo de calcinação; Galeno falla de distillação; Democrito de Abdera examinou o succo de plantas; Aristoteles e Theophrasto tractaram de pedras e metaes.

As guerras em que os Romanos quase sempre estiveram empenhados, e o espirito de empreza que lhes assistia para acçoens militares, nunca lhes-deram tempo à cultivar e augmentar as artes de paz. Depois de haverem conquistado e subjugado quase todo o orbe civilizado, entãõ arduamente se applicaram às artes de seus mestres, os Gregos. Elles souberam fazer excellentes vinhos e licores; conheceram o modo de cultivar as terras; prepararam panno incombustivel para embrulhar os corpos mortos, que eram destinados á ser queimados, em ordem à preservarem as cinzas, separadas daquelles do montaõ funeral; elles conheciam quase todos os metaes, e modos de os cunhar; eram habéis na arte culinaria; os seus cozinheiros preparavam môlhos deliciosos para as suas mezas: e o remanecente dos seus aqueductos, e outras obras de architectura, provam a incomparavel perfeição dos seus materiaes.

PORÉM todas as artes, sciencias, e literatura dos Roma-

nos e Gregos, foram destinadas à cair em esquecimento. Immenso numero de barbaros conquistadores desceram do Norte sobre elles; a energia de civilização mudou de aspecto, e as suas obras foram destruidas diante delles.

As artes e sciencias, sendo lançadas fóra da Europa, tiveram azylo na Arabia. O affêro desta nação à magica, e sua inclinação à cousas maravilhosas, fizeram logo augmentar mysterios em que as artes foram então involvidas; e disto nasceo a *alchimia*, ou arte de transmutar metaes inferiores em ouro.

PARCECE cousa singular, que a chimica, sendo agora de tanta importancia ao genero humano, haja de alguma forma sido posta no numero das artes menos nobres das paixões humanas; indaque no seu principio foi cultivada por homens instigados pela avareza. Era bem natural que aquelles que observavam as notaveis mudanças, produzidas por acção chimica, fossem tocados dos seus effeitos; e que olhando sobre a variedade e differença de suas operações, se lisonjeassem, que o seu poder sobre as substancias operadas era só limitado aos seus dezejos.

Foi um dos principios entre os alchimistas, que todos os metaes são compostos dos mesmos ingredientes; ou que as substancias que entram na composição de ouro se acham em todos os metaes; porém, mixtas com muita impuridade, que por certos modos podiam ser separadas.

No Egypto a alchimia attrahio a attenção do governo. A verdadeira época da origem deste estudo hé desconhecida; nem podemos affirmar à que progresso e extensão chegou entre os antigos. Dioclesiano, apprehensivo que os sonhos dos alchimistas poderiam ser realizados, ordenou que os seus livros fossem queimados; e prohibio toda operação chimica, que elle pôde substar com maior facilidade.

ERRATA.

Pagina 11, linha 14, por opiniaçõ, *lea-se* opiniaõ.
— *idem*, — 22, — nnidas, — unidas.
— 23, — 9, — Esphara, — Esphera.
— 61, — 32, — a pedras, — as pedras.

Impresso por J. LANG, Liverpool.

